



Centro de Estudos Teológicos do Vale do Paraíba

**A INFLUÊNCIA POSITIVA DA DOCTRINA BÍBLICA DA
ELEIÇÃO NA SANTIFICAÇÃO E NA EVANGELIZAÇÃO**

Por

OLIVAR ALVES PEREIRA

São José dos Campos – SP

2003

CENTRO DE ESTUDOS TEOLÓGICOS
DO VALE DO PARAÍBA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO
2003

Título: A Influência Positiva da Doutrina Bíblica da Eleição
na Santificação e na Evangelização

Aluno: Olivar Aves Pereira

Orientador: José Roberto Coutinho

Examinadores:

Pastor José Roberto Coutinho

Professora Ana Lídia Costa Höhne

São José dos Campos – SP

2003

EPIGRAFE

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da sua glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o ministério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”.

Carta do apóstolo Paulo aos Efésios capítulo 1. 3 a 14.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Santíssimo e Triúno Deus a oportunidade de poder concluir este trabalho. Ao meu tutor eclesial Rev. Paulo Gerson Uliano e ao meu orientador neste trabalho, o Rev. José Roberto Coutinho, os quais me deram sábia orientação.

Agradeço também aos demais professores do CETEVAP que me acompanharam nestes anos de estudos e formação acadêmica, em especial a Professora Ana Lídia Costa Höhne, que com sua capacidade e inteligência é para mim um exemplo de dedicação e empenho no trabalho.

Por fim, agradeço à Igreja Presbiteriana do Jardim Augusta que sempre foi uma bênção de Deus em minha vida, em especial às irmãs Edna Coelho Neto Viana pela paciência em corrigir a ortografia deste trabalho, e Alessandra Michele de Souza Almeida pela correção da digitação do mesmo.

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus e Senhor Jesus razão maior da minha vida.

À minha amada esposa Janaina François de Sousa Alves Pereira que com paciência tem sido um esteio em minha vida e ministério.

À Congregação da Igreja Presbiteriana do Jardim Augusta no Jardim Sul, a qual é a realização de um sonho nosso, alvo do amor de Deus e da minha paixão ministerial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – A ELEIÇÃO	15
1.1. Conceitos Bíblicos e Teológicos da Eleição.....	15
1.1.1. A Predestinação e a Eleição	19
1.1.2. A Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana	22
1.1.2.1. A Questão do Livre-arbítrio	23
1.1.2.2. A Soberania de Deus ou a “Tiranía” de Deus?.....	29
1.1.2.3. O Perigo do Arminianismo.....	34
1.2. A Segurança do Crente.....	35
1.2.1. Uma Vez Salvos, Salvos para Sempre.....	39
1.2.2. A Perseverança do Santos	42
1.2.3. Hebreus 6.3 – 6: Um Texto Complicado, ou que o Complicam?	46
1.2.3.1. O Significado de Cada Palavra do Texto	46
1.2.3.2. Os Contextos, Anterior e Posterior	48
1.2.3.3. Resolvendo o Problema.....	52
CAPÍTULO 2 – A SANTIFICAÇÃO.....	56
2.1. Salvos para a Santidade	56
2.1.1. Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor.....	61
2.1.2. Confirmando a Salvação	63
2.1.3. Quem não é Eleito para a Salvação, Jamais Alcançará a Santidade	67
2.2. Santidade Alcançada Pela Graça.....	68
2.2.1. O Eleito é Santificado pelo Espírito Santo	69
2.2.2. Dois Aspectos da Santificação na Vida do Eleito	71

2.2.2.1. A Mortificação da Velha Natureza	71
2.2.2.2. A Vivificação da Nova Natureza	72
2.3. Pondo em Prática a Santificação	74
2.3.1. Os Efeitos da Santificação na Vida do Eleito	74
2.3.1.1. Demonstrar o Amor por Deus Pelo que Ele é, e Gratidão Pelo que Ele Fez	75
2.3.1.2. Demonstrar o Poder de Deus na Transformação do Pecador	78
CAPÍTULO 3 – A EVANGELIZAÇÃO	80
3.1. Conceitos Bíblicos e Teológicos da Evangelização	81
3.1.1. O Conceito Bíblico de Evangelização	81
3.1.2. O Conceito Teológico de Evangelização	84
3.1.2.1. Um Impasse a Ser Resolvido	85
3.1.3. A Diferença Entre Evangelizar e Fazer Discípulos	88
3.1.3.1. Evangelizar e Transmitir a Mensagem de Jesus	89
3.1.3.2. Discipular é Transmitir o Caráter de Jesus com a Própria Vida	90
3.2. A Pregação	91
3.2.1. A Fé Vem Pelo Ouvir	92
3.2.2. O que Pregar	95
3.2.3. Por quê Pregar	98
3.3. A Responsabilidade do Eleito na Pregação do Evangelho	103
3.3.1. As Ordens de Deus não Devem ser Questionadas, mas Cumpridas	103
3.3.2. A Responsabilidade da “Atalaia”	105
Conclusão	110
Referências Bibliográficas	114

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BEG-RA – Bíblia de Estudo de Genebra – Revista e Atualizada, 1999.

BEA-RA – Bíblia de Estudo Almeida – Revista e Atualizada, 1999.

BERC – Bíblia Edição Revista e Corrigida, 1969.

BJ – Bíblia de Jerusalém, 1980.

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje, 1994.

NVI – Nova Versão Internacional da Bíblia, 1993, 2000.

NA – Nestle-Aland Novum Testamentum Graece, 1991.

RR – RIENECKER – ROGERS. Fritz, Cleon. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego, 1988.

GD - GINGRICH – DANKER. F.Wilbur; Frederick W. Léxico do NT. Grego/Português, 2001.

RESUMO

A doutrina da Eleição tem sido alvo de muitas controvérsias no meio evangélico. Partindo do pressuposto de que essa doutrina é bíblica e não apenas fruto deste ou daquele sistema teológico, o autor procura mostrar através deste trabalho, a importância dessa doutrina bíblica especialmente para uma vida de santidade e para a tarefa da evangelização.

Questões como o Calvinismo e o Arminianismo são abordadas apenas o necessário. O autor tem convicção calvinista e faz corrente uso desse sistema doutrinário para embasar sua argumentação, contudo, é na Bíblia que ele busca seus principais argumentos. Este trabalho não é uma defesa ao Calvinismo, mas, sim, é uma defesa à doutrina bíblica da Eleição.

A proposta deste trabalho é mostrar que a doutrina bíblica da Eleição não leva o eleito à letargia e marasmo quanto à santidade de vida, mesmo por que quando este reconhece a sua miserabilidade por causa do pecado e a ação sobrenatural de Deus efetuando a sua salvação, a qual já estava planejada lá nos tempos eternos, leva-o a uma profunda gratidão e amor que só podem produzir em seu coração um desejo muito forte de agradar este Deus cheio de amor e santidade. O mesmo se aplica à evangelização. Os que “escoram” nessa doutrina para deixarem de pregar o Evangelho alegando que os predestinados na hora certa serão salvos estão contrariando uma ordem divina, a qual Deus não nos deu outra opção: é obedecer ou obedecer! A obediência também aponta para o meu amor a Deus, pois fazer por obrigação não é demonstração de amor, antes, pode até ser prova de rebeldia.

Usando o método bibliográfico, o autor pesquisou mais de cinquenta obras sobre os assuntos Eleição, Santidade de Vida e Evangelização, embora não tenha catalogado todas, mas somente as que foram citadas direta ou indiretamente.

Quanto à santidade de vida, o autor procura mostrar que o objetivo da Eleição é a santidade, pois através dela Deus prepara o pecador para se encontrar com Ele um dia na Sua

santa glória. Também mostra que a santificação não é fruto do esforço humano: ela é fruto da ação do Espírito Santo na vida do eleito e por esta razão deve haver total dependência por parte do eleito em relação ao Espírito de Deus. Procura mostrar também que quando o eleito vive santa e retamente, está confirmando para si mesmo a sua Eleição e sendo um exemplo vivo do poder de Deus na transformação dos pecadores.

Sobre a Evangelização, o autor atenta para o cuidado que se deve ter com a pregação do Evangelho, a qual deve ser eficaz. Apontando especialmente para o discipulado como o método que o Senhor deixou para a Sua Igreja, tenta explicar o que é o discipulado e o que é evangelização. Respondendo à declaração irresponsável e displicente daqueles que afirmam a não necessidade da evangelização pois Deus trará os eleitos mais cedo ou mais tarde, o autor faz uma abordagem (ainda que sucinta) sobre a responsabilidade do “atalaia” descrita em Ez. 33. 2 – 9.

INTRODUÇÃO

Falar da Eleição é tocar num dos assuntos mais complexos que estão revelados na Palavra de Deus. Nos dias atuais, muitos têm deixado de lado não só essa como outras doutrinas bíblicas que deveriam ser estudadas e praticadas pelas igrejas. É lamentável que muitos pensem ser desnecessário e, até mesmo, perigoso pregar essas doutrinas. O apóstolo Paulo pensava justamente o contrário e afirmava ser importante pregar sobre “...*todo o desígnio de Deus*” (At. 20. 20, 27). Charles Spurgeon compartilha o mesmo pensamento com respeito às doutrinas bíblicas, em especial à da Eleição (SPURGEON, 1987, pg. 03):

“Tudo quanto Deus nos tem revelado, tem-no feito com um propósito em mente. Nada existe nas Escrituras que, sob a influência do Espírito de Deus, não possa ser transformado em um discurso prático, por quanto ‘toda Escritura’ foi dada mediante inspiração divina, e é ‘proveitosa’ para algum propósito espiritualmente útil.”

E ainda mais: “*Gosto muito de proclamar essas antigas e vigorosas doutrinas, que são conhecidas pelo cognome de calvinismo, mas que, por certo e verdadeiramente, são a verdade de Deus, a qual nos foi revelada em Jesus Cristo*” (SPURGEON, 1987, pg. 07).

É preciso resgatar essas verdades e pregá-las com firmeza e autoridade, pois não se tratam de invenções humanas, mas, sim, Palavra de Deus. É necessário olhar para elas e admitir a limitação humana como disse Samuel Falcão: “*Se a Bíblia fosse de origem humana, o homem poderia entender e explicar todas as suas doutrinas, porque o que os homens inventam pode ser explicado pelos homens.*” (FALCÃO, 1989, pg. 20).

Neste presente trabalho foi feita uma abordagem breve sobre o que diz essa doutrina bíblica, a saber, a doutrina da Predestinação (em especial a Eleição) na sua aplicabilidade e influência positiva na santificação do eleito e no seu entusiasmo e paixão pelas almas na pregação do Evangelho.

Ter uma correta compreensão e aceitação dessa doutrina fará com que todos os crentes sinceros cresçam em graça e em confiança na bendita pessoa do Senhor Jesus, tirando de sobre seus corações um peso que eles não devem carregar (a conversão depende exclusivamente da ação de Deus, aplicando a mensagem do Evangelho), e também lhes mostrando sua responsabilidade: proclamar as virtudes de Jesus Cristo e a salvação que Ele lhes dá, 1Pe.2.9 (BEA-RA).

Numa época em que o ministério de um pregador é medido pelo número de conversões que acontecem em sua igreja, a pregação de assuntos tais como a Soberania de Deus escolhendo os que serão salvos, preparando os meios para que a salvação destes aconteça, e, por fim, executando-a, soa como um disparate, algo sem sentido, que até mesmo como “violência” à vontade do homem e à sua capacidade de tomar suas próprias decisões.

O objetivo deste estudo é mostrar que em hipótese alguma há controvérsias entre a Soberania de Deus e a responsabilidade do homem, e, que uma não anula a outra. Além disso, o autor pretende mostrar que essa doutrina é bíblica e necessária para que o eleito viva em santidade de vida e seja um pregador fervoroso do Evangelho.

Usando fontes bibliográficas, o autor realiza esta monografia, valendo-se de argumentos de outros para reforçarem seu pensamento, procurando mostrar que é infundada a idéia de que crer na doutrina da Predestinação afeta negativamente a santificação pessoal e o entusiasmo evangelístico. Seria a Predestinação o mesmo que Eleição? A Soberania de Deus fica afetada e distorcida à luz da doutrina da Predestinação? Seria essa doutrina apenas fruto do calvinismo? Poderá o salvo perder a sua salvação? Existem textos que confirmam essa doutrina?

E, quanto à Santificação? Se alguém é predestinado e jamais se perderá, de que lhe serve lutar para viver em santidade? Até que ponto a Santificação é importante na vida do

eleito? É possível alguém que não é predestinado à salvação viver em santidade? Afinal, o que significa ser santo à luz da Bíblia?

Sobre a Evangelização: os eleitos inevitavelmente serão salvos? Sendo assim, para quê e porquê evangelizar? Qual é a responsabilidade do eleito na pregação do Evangelho? Essa doutrina nos incentiva à pregação do Evangelho?

Será mostrado que a doutrina da Predestinação estimula a Santificação e a tarefa da Evangelização, e que o que atrapalha é a negligência humana e uma compreensão errada dessa doutrina. A Predestinação está mais ligada aos Eternos Decretos de Deus sendo que a Eleição está inserida dentro da Predestinação. A Eleição diz respeito tão somente à salvação. A doutrina da Predestinação enaltece a doutrina da Soberania de Deus, apresentando-O como amoroso e rico em misericórdia. A segurança do crente é eterna, uma vez salvo, o é para sempre. A Bíblia está repleta de textos que confirmam essa doutrina.

Quanto à Santificação: ela mostra o nosso relacionamento cheio de amor e gratidão a Deus, confirmando perante o mundo a nossa fé, e, a nós, a nossa salvação. Por isso mesmo é impossível que uma pessoa que não tenha sido escolhida para a salvação consiga viver em santidade segundo a vontade de Deus; Ele não daria algo tão precioso que serve para confirmar a salvação a uma pessoa que não foi preparada para isso. Assim acontece por que ser santo significa ser separado por Deus e para Ele. O não eleito não foi separado para Deus, mas, para a condenação.

Com respeito à Evangelização: nenhum eleito será deixado para trás, sendo todos estes atraídos pelo amor de Deus. Não compete a ninguém discutir se deve ou não evangelizar, pois a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus. Sendo a pregação o meio que Deus usa para trazer os eleitos, estes devem atentar para o seu papel de atalaia neste mundo. Quando há pregação do genuíno Evangelho, há glorificação e exaltação do nome de Deus, e, este é o objetivo de todos os seres humanos.

O autor limita-se a falar tão somente sobre a influência positiva da doutrina da Predestinação na santidade de vida e na evangelização. Partindo do pressuposto que todos os homens são pecadores e que ninguém merece a salvação e que esta é dádiva de Deus a quem Ele quer dar, não será abordada a questão do Infralapsorianismo e do Supralapsorianismo¹, nem mesmo a origem do Mal. Não será feita uma crítica aprofundada dos métodos de evangelismo empregados hoje em dia, nem mesmo será feita uma análise dos grandes avivamentos espirituais da história do Cristianismo.

Com respeito a controvérsia entre o Calvinismo e o Arminianismo, será mencionado apenas o necessário. O mesmo se diz da questão do Livre-arbítrio.

Primeiramente, foram abordadas as doutrinas da Eleição e da Predestinação, apresentando o que cada uma diz. Em seguida, será estudada a questão da Santificação e a Santidade de Vida do eleito. Por fim, a Evangelização como um dever indispensável na vida do crente. Os argumentos serão tecidos e de acordo com estes, serão apresentadas citações de outros autores para confirmação.

¹ São doutrinas que dizem respeito à ordem sequencial dos decretos de Deus quanto à Eleição, ou seja, no plano de Deus os decretos da eleição e reprovação precedem ou seguem os da criação do mundo e da permissão da queda. De forma bem simples seria o seguinte. Infralapsorianismo: 1) Deus criou tudo; 2) permitiu a queda do homem; 3) elegeu os Seus e reprovou outros; 4) executou o plano da salvação. O Supralapsorianismo: 1) Deus elegeu os Seus e reprovou outros; 2) criou tudo; 3) permitiu a queda do homem; 4) executou o plano da salvação (cf. BERKHOF, 1985).

CAPÍTULO 1 – A ELEIÇÃO (evklogh,)

A Eleição

(evklogh, – *seleção, escolha, eleição* cf. GD) é a doutrina bíblica que mostra o amor, a compaixão e a ação de Deus que é soberano para escolher para Si, dentre os pecadores, um povo que foi redimido pelo sangue de Seu Filho Jesus Cristo, santificado pela ação poderosa do Espírito Santo, sendo assim preparado para boas obras e para herdar a vida eterna.

Ela foi estabelecida desde a eternidade, antes mesmo de tudo ser criado, quando era somente o Deus Triúno existindo na mais plena comunhão consigo mesmo (Rm. 9.11; 11.7; Ef. 1.4, 5 e 11; 1Ts. 1.4).

Estudar essa verdade é trazer ao coração o conforto e a consolação, e, não perplexidade e confusão como propõe os oponentes dessa doutrina. É saber, como disse Francisco Leonardo Schalkwijk: “...pois o Espírito Santo soprou esse segredo no ouvido da igreja não para assustá-la, mas para confortá-la. É como um cochicho do noivo no ouvido da noiva: ‘Como te amo’.” (SCHALKWIJK, 2002, p.62).

1.1 – Conceitos Bíblicos e Teológicos da Eleição

Este

assunto está totalmente embasado nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

As seguintes referências confirmam:

- Is. 65.9 “Farei sair de Jacó descendência e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes; e os **meus eleitos** (**yr;yxib.**) herdarão a terra e os meus servos habitarão nela”.

(BEA-RA). (Grifo é meu).

- Mt. 24.24 “*porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios **eleitos (evklektou,j)***”. (BEG-RA). (Grifo é meu).
- Mc. 13.20 “*Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos **eleitos que ele escolheu (evklektou.j oujj evxele,xato)**, abreviou tais dias*”. (BEA-RA). (Grifo é meu).
- Rm. 8.33 “*Quem intentará acusação contra os **eleitos de Deus (evklektw/n qeou/)**? É Deus quem os justifica*”. (BEG-RA). (Grifo é meu).
- Cl.3.12 “*Revesti-vos, pois, como **eleitos de Deus (evklektoi. tou/ qeou/)**, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade*”. (BEG-RA,1999). (Grifo é meu).
- 1Pe. 1.1 e 2 “*Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos **eleitos (evklektoi/j)** que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitúnia, **eleitos, segundo a presciência de Deus Pai (kata. pro,gnwsin qeou/ patro,j)**, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas*”. (BEG-RA). (Grifo é meu).
- Sl. 105.6 “*vós, descendentes de Abraão, seu servo, vós, filhos de Jacó, seus escolhidos **wyr'yxib.***”. (BEA-RA). (Grifo é meu).
- Ef. 1.11 “*nele, digo, no qual fomos também feitos herança, **predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade***” (proorisqe,ntej kata. pro,qesin tou/ ta. pa,nta evnergou/ntoj kata. th.n boulh.n tou/ qelh,matoj auvtou/). (BEA-RA). (Grifo é meu).

Muitos

outros textos afirmam que Deus escolheu para Si aqueles que herdarão a salvação. Tal verdade é incontestável. Negá-la equivale a negar a Palavra de Deus.

No Antigo Testamento, o conceito de Eleição estava presente, pois Deus sempre tratou pessoalmente com o Seu povo. Israel sempre entendeu que era o povo escolhido de Deus; basta uma análise cuidadosa na história do povo hebreu, e, logo se perceberá que Deus escolhera a Israel para ser o Seu povo, e, para que através deste povo, a revelação da Sua Pessoa fosse anunciada aos povos da terra. Veja-se as seguintes passagens:

- Ne. 9.7: “*Tu és o Senhor, o Deus que escolheu Abrão, trouxe-o de Ur dos caldeus e deu-lhe o nome de Abraão*” (NVI).

- Is. 41.8: “*Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo*” (BEA-RA).

Pode ser vista com muita clareza nas palavras de Deus a Abraão quando por ocasião do Seu pacto com este, a verdade de que Ele escolhera um povo, e, através deste, Se revelar ao mundo: “*...em ti serão benditas todas as famílias da terra*” (Gn. 12. 3) (BEA-RA).

Sobre o conceito de Eleição no Velho Testamento, Samuel Falcão afirma citando B.B. Warfield: “*Segundo a concepção vétero-testamentária, Deus só conhece de antemão porque predestinou, e, portanto, é também por isso que ele faz que aconteça...*” (FALCÃO, 1989, p.48).

Este mesmo conceito passou para as páginas do Novo Testamento, e, agora, o povo escolhido de Deus é a Sua Igreja. E essa verdade tem uma importância tão grande na vida dos crentes, que os apóstolos sempre se dirigiam aos crentes daquela época, chamando-os sempre de “*eleitos*”.

Paulo se dirigia aos irmãos chamando-os de eleitos:

- Rm.8.33: “*Quem intentará acusação contra os **eleitos de Deus** (evklektw/n qeou)? É Deus quem os justifica*”. (BEG-RA) (Grifo é meu).

- Cl. 3.12: “*Revesti-vos, pois, como **eleitos de Deus (evklektoi. tou/ qeou)**, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade*”. (BEG-RA) (Grifo é meu).

- 2 Tm. 2.10: “*É por isso que tudo suportou, por causa dos **eleitos (tou.j evklektou,j)** fim de que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com a glória eterna*” (BJ) (Grifo é meu).

- Tt. 1.1: “*Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os **eleitos (evklektw/n)** de Deus à fé e ao conhecimento da verdade conforme a piedade*” (BJ) (Grifo é meu).

Pedro também chamava os crentes de “eleitos”:

- 1Pe. 1.1 e 2: “*Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, **aos eleitos (evklektoi/j)** que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, **eleitos, segundo a presciência de Deus Pai (kata. pro,gnwsin qeou/ patro,j)**, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas*”. (BEG-RA) (Grifo é meu).

- 1Pe. 2.9: “*Vocês, porém, são **geração eleita (ge,noj evklekto,n)**, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*” (NVI) (Grifo é meu).

João

também reconhecia essa verdade na vida dos crentes que estavam sob seus cuidados:

- 2Jo. 1: “*O presbítero à **senhora eleita (evklekth/| kuri,a)** e aos seus filhos, a quem amo na verdade, - e não apenas eu os amo, mas também todos os que conhecem a verdade*” (NVI) (Grifo é meu).

- 2Jo. 13: “*Os filhos da sua irmã **eleita (evklekth/j)** lhes enviam saudações*” (NVI) (Grifo é meu).

- Ap. 17.14: “*Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos (klhtoi. kai. evklektoi.) e fiéis que se acham com ele.*” (BEA-RA) (Grifo é meu).

O conceito bíblico sobre a Eleição é muito amplo. Há muitos outros textos que podem ser apresentados para tal constatação. Também é muito importante que seja observado o conceito teológico do assunto. O que dizem os teólogos sobre o assunto?

Teologicamente falando, há uma diferença entre a Eleição e a Predestinação. Geralmente, pensa-se em ambas como sinônimas. Mas, a Predestinação está ligada aos Eternos Decretos de Deus em todas as esferas da vida, enquanto que a Eleição diz respeito somente à Salvação dos pecadores escolhidos por Deus. R.K. Mc Gregor Wright diz (WRIGHT, 1998, p. 82):

“Cada fato, relação e evento da criação tem um lugar no plano eterno de Deus, exatamente como o lançar a sorte com a moeda como fizeram os soldados com a túnica de Jesus (Jo. 19. 23 – 24) que, por meio disso literalmente cumpriram uma minúscula profecia no Salmo 22.18, uma profecia feita cerca de mil anos antes.”

É muito importante fazer essa distinção. A doutrina da Predestinação mostra a soberania de Deus no controle do universo (o que põe por terra o Deísmo²) do mais simples ao complexo sistema. Enquanto isso, a doutrina da Eleição mostra a soberania de Deus na salvação de pecadores.

1.1.1 – A Predestinação e a Eleição

Não há uma separação dessas duas verdades, a Predestinação e a Eleição; ambas estão tão

² Filosofia que afirma que Deus (ou os deuses segundo a mitologia grega) criou o universo tão perfeitamente que, depois de criá-lo, deixou-o funcionando sozinho, e retirou-Se o abandonando à própria sorte.

intimamente ligadas uma à outra, sendo impossível separá-las. Contudo, é importante fazer essa distinção para se obter uma compreensão mais ampla do assunto.

A

Predestinação está ligada aos eternos decretos de Deus. Quando se diz “os decretos de Deus”, é importante saber que Deus não têm muitos decretos, mas sim, apenas um que envolve tudo. A Sua vontade abrange tudo. Samuel Falcão explica este fato com clareza, (FALCÃO, 1989, p. 56):

“Uma das propriedades dos decretos de Deus é que eles são realmente um e não muitos, como talvez sejamos levados a pensar quando o termo é empregado no plural. Falamos dos decretos de Deus, no plural, porque somos criaturas do tempo, e na limitação de nossas faculdades não vemos todo o propósito e plano de Deus de uma vez, mas ‘em aspectos parciais e relações lógicas’ (...) O termo Decreto de Deus aparece primeiro no singular, visto como Deus tem apenas um plano que inclui tudo.”

A Eleição porém, faz parte dos decretos de Deus, sendo *o decreto* divino específico para a salvação dos pecadores. Cada fato na história, cada acontecimento, foi previamente determinado por Deus; nenhuma coisa sequer pode sair fora dos planos de Deus, ou acontecer sem que tenha sido determinada por Ele lá na eternidade, antes de tudo acontecer.

Essa diferença entre Predestinação e Eleição pode ser percebida nos seguintes textos:

- Rm. 8. 29 e 30: “*Portanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e, aos que chamou, a esses também justificou; e, aos que justificou, a esses também glorificou*”. (BEA-RA).

- Ef. 1.5 e 11: “*nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, (...) nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade*”. (BEA-RA).

- Ef. 1.4: *“assim, como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, perante ele;”* (BEA-RA).

- 2Ts. 2.13: *“Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade”*. (BEA-RA).

Os dois primeiros textos (Rm. 8. 29 e 30 e Ef. 1.5 e 11), embora falem sobre a Obra do Senhor na vida dos salvos, apontam para a predestinação como um ato de Deus em coordenar os fatos, as obras na vida de cada crente. Enquanto os dois últimos textos (Ef. 1.4 e 2Ts. 2.13), mostram a Eleição como um fato especificamente ligado à salvação dos pecadores.

Tanto a Predestinação como a Eleição aconteceram na eternidade passada. Lá, mesmo antes de acontecer qualquer coisa, Deus já sabia de tudo, e nada O pegou de surpresa exigindo Dele uma mudança nos Seus planos. Tudo já estava predeterminado por Ele. E, quando o homem pecou, Deus não teve que aparecer com um plano de emergência para o salvar. O plano já havia sido estabelecido, e cada um que haveria de ser beneficiado com esse plano de salvação, lá, antes de o tempo ser tempo, do mundo ser mundo, foi escolhido pelo Deus que é soberano em Graça e misericórdia, o único que é capaz de aniquilar a culpa do pecado.

A Confissão de Fé de Westminster apresenta com clareza essa verdade (MARTINS, 1991, capítulo VIII, § 1º, p. 47):

“Aproveu a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do mundo; e deu-lhe, desde toda a eternidade, um povo para ser sua semente, e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado”. .

Se Deus

preparou o Senhor Jesus para nos redimir, e isso fez lá na eternidade (Ap. 13.8), é porque

sabia perfeitamente da queda do homem, o que prova que Ele não foi pego de surpresa e nem teve que elaborar um plano de emergência.

Deus não determinou a salvação dos eleitos porque sabia de antemão quem iria crer; antes, Ele escolheu os Seus, e estes, no tempo determinado por Ele mesmo, foram chamados e despertados para a fé em Cristo e para a salvação. Não é a presciência de Deus a base da nossa salvação, mas, sim, a vontade Dele. Logicamente, Deus sabe de todas as coisas desde a eternidade, a isso se dá o nome de Onisciência Divina. Com certeza Ele sabia de antemão quem seria salvo (1Pe.1.2). Contudo, foi através da Sua livre vontade que Ele escolheu os que seriam salvos. Se uma pessoa fosse salva porque Deus sabia desde a eternidade que esta iria responder com fé, então a salvação depende do homem e não de Deus; a livre vontade de Deus não seria livre, pois teria que responder à fé do homem dando-lhe a salvação, e, se a vontade de Deus não fosse livre, Ele não seria Deus. Portanto, crer nesta doutrina é crer na soberania de Deus.

1.1.2 – A Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana

A grande dificuldade no que diz respeito à Soberania de Deus e à Responsabilidade Humana é pensar que são elas contraditórias e que uma anula a outra. Samuel Falcão comenta essa dificuldade: *“A doutrina da Predestinação torna-se difícil de modo especial quando procuramos harmonizar a soberania de Deus, em escolher pessoas, com a livre vontade e a responsabilidade do homem, em aceitar ou rejeitar seus apelos e convites”* (FALCÃO, 1989, p.19).

Crer na Soberania de Deus é fundamental não somente para uma boa interpretação da Bíblia como também para uma vida plenamente feliz e segura. De igual forma, é importante assegurar a

responsabilidade do homem para que este não seja visto como um marionete nas mãos de Deus, culpando-O no lugar do homem quanto aos pecados e todos os efeitos deste.

Há uma forte ênfase desde o princípio sobre a constante “guerra entre o bem e o mal”. Quer na ficção ou na vida real, as pessoas tendem a ver essas duas forças contrárias (o Bem e o Mal) como sendo ambas da mesma intensidade e poder. Muitas igrejas evangélicas têm cedido a essas idéias que são estranhas à Bíblia. As Escrituras não mostram que o Mal tem o mesmo poder do Bem. Muito pelo contrário, elas apresentam o Bem sempre triunfando sobre o Mal. Em Ap. 17.14 está escrito: *“Pelearão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é Senhor dos senhores e Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele”* (BEG-RA). Isso mostra que Cristo sempre vence; não há uma única ocasião em que Ele se veja em desvantagem. Todos concordam que Ele é soberano.

De fato não há nenhuma dificuldade para qualquer crente em admitir que Deus é Soberano sobre tudo. Se um crente está passando por lutas e se ele segue “correntes teológicas” como a Teologia da Libertação ou a da Prosperidade, ele admite com firmeza que Deus tem poder para lhe dar o que ele lhe pede. Esse mesmo crente admite que Deus também é soberano para salvá-lo. Mas, quando alguém lhe diz que ele não pode fazer nada para se salvar, e que somente Deus pode assim fazer através da Sua livre vontade, esse mesmo crente se recusa aceitar, dizendo que tem liberdade para decidir sobre seu futuro. Em outras palavras, para esse crente Deus é soberano (e deve ser) para resolver seus problemas e interesses pessoais, mas quando se trata de sua salvação, ele (o pecador) é orgulhoso o suficiente para admitir que não tem poder algum para se salvar. É aqui que entra o problema com o “livre-arbítrio”.

As pessoas querem por todas as formas afirmar que possuem livre-arbítrio, ou seja, capacidade de fazer

escolhas. O problema está no fato da confusão que é feita entre a responsabilidade humana e o livre arbítrio. A responsabilidade humana aponta para o homem como sendo o responsável por suas escolhas diante de Deus. O livre-arbítrio está relacionado com a questão do pecado, e, a influência que este exerce sobre o homem. É bom, antes de tudo, fazer uma definição do que realmente significa, e, é o livre-arbítrio à luz da Bíblia.

1.1.2.1 – A Questão do Livre-Arbítrio

A Bíblia ensina que o homem é o responsável pelo seu pecado. Ele tem condições de escolher fazer o bem e o mal. Em Dt. 30.19 está escrito: *“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe, pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”* (BEA-RA). E em Jo. 7.17, o Senhor Jesus disse: *“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”* (BEA-RA).

A Confissão de Fé de Westminster diz (MARTINS, 1991, Capítulo IX, § I, p. 56): *“Deus dotou a vontade do homem de tal liberdade natural que ela nem é forçada para o bem nem para o mal, nem a isso é determinada por qualquer necessidade absoluta de sua natureza”*.

Contudo, desde a queda no pecado, o homem tem sua vida escravizada pelo pecado, e, constantemente, se vê numa luta contra o pecado, na qual muitas vezes é derrotado. A faculdade que o homem tinha de tomar qualquer decisão sem nenhuma influência interna e externa, seja essa benigna ou maligna, foi totalmente destruída com a queda no pecado. Os únicos que tiveram essa faculdade totalmente livre e não influenciada pelo pecado foram Adão e Eva antes de pecarem. A Confissão de Fé de Westminster afirma: *“O homem, em seu estado de inocência, tinha a liberdade e o poder de querer e fazer aquilo que é bom e*

agradável a Deus, mas mudavelmente, de sorte que pudesse cair dessa liberdade e poder” (MARTINS, 1991, Capítulo IX § II, p. 57). Os seguintes textos confirmam essa verdade:

- Gn. 1.26: *“Também disse Deus: Façamos homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”* (BEG-RA).

- Gn. 2. 16 e 17: *“E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”* (BEA-RA).

- Gn. 3.6: *“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu”* (BEA-RA).

- Ec. 7.29: *“Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”* (BEA-RA).

Não havia coisa alguma que os obrigasse a fazer o que não quisessem. Quando eles cederam à tentação, o fizeram de livre e espontânea vontade. Apesar de terem sido tentados pela serpente poderiam facilmente vencer a tentação; tinham perfeitas condições para isso. Da mesma forma antes de pecarem, obedeciam a Deus de livre e espontânea vontade; tinham perfeitas condições para isso. Nenhuma força maligna os atrapalhava quando queriam fazer a vontade de Deus. Também não eram compelidos por Deus a se afastarem do pecado pelo fato de não terem conhecimento algum sobre o pecado. Eles não tinham os conflitos que os crentes têm hoje. Uma vez que pecaram perderam a comunhão com Deus sendo separados Dele, o que é conhecido como a morte espiritual. E receberam o devido castigo, passando a servir o pecado.

Essa

servidão ao pecado foi transferida a toda humanidade, de sorte que nenhum ser humano pode alegar ter livre-arbítrio para tomar suas decisões. Todas as decisões e ações do homem estão contaminadas pelo pecado, inclusive aquelas consideradas as mais nobres. Em Is. 64.6 está escrito: *“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia...”* (BEG-RA). Se as “justiças” do homem são assim o que se dirá das “injustiças”?

Um texto

que lança luz sobre essa questão é o de Rm. 7. 7 – 25. Neste texto está claro o conflito que Paulo tinha: pecar satisfazendo sua carne, e não pecar satisfazendo o espírito. E neste conflito, ele é sincero em admitir que é *“...carnal, vendido à escravidão do pecado”* (v.14, BEG-RA).

Em nota explicativa, a BEG-RA comenta o v.15 da seguinte forma:

“Paulo é capaz de analisar, mas não de explicar, o contraste que havia entre si mesmo e o ‘pecado que habita em mim’ (v.17, 20). Havia um tremendo e real conflito entre as forças do pecado e da graça divina em sua vida. Todavia, ele dá a entender que o pecado que nele habitava era apenas um hóspede temporário. Apesar de que o pecado ainda acompanha sua nova identidade em Cristo, nesta vida, a nova identidade resultará no triunfo final sobre o pecado que nele habita (6.2-14)”.

Neste texto

fica bem claro que a vontade humana até pode ser boa e querer fazer o que agrada a Deus, mas a influência do pecado em seu coração o impede de ter um “livre” arbítrio; o seu arbítrio o leva para o pecado. Sendo assim, se existe livre-arbítrio hoje, este serve para levar o homem ainda mais para o pecado.

Mas a

questão do livre-arbítrio que é mais complicada, é a que diz respeito à salvação do pecador. Os que rejeitam a doutrina bíblica da Eleição (e Predestinação), afirmam que o homem pode escolher ser ou não ser salvo quando lhe é apresentado o Evangelho de Cristo. Se no que diz respeito às suas decisões o homem tem a sua vontade seriamente comprometida por causa do

pecado, teria ele condições de decidir se quer ou não ser salvo? Lembrando que o homem na sua condição pós-queda está totalmente depravado pelo pecado, não pode fazer nada para se salvar. É um morto na cova do seu pecado (**o;ntaj nekrou.j toi/j paraptw,masin**) (Ef. 2.1, 5 e 6). Se Deus não agir com Sua graça e misericórdia a favor do homem, este jamais obterá a salvação. Portanto, Deus é o único responsável tanto pelo querer como pelo realizar a salvação do pecador. Um exemplo claro disso nas Escrituras é a conversão de Lídia (At.16.14). R. K. Mc Gregor Wright diz (WRIGHT, 1998, p.102):

“Por sua própria iniciativa desde a eternidade, Deus interfere na História para iniciar e consumir tudo o que é necessário para salvar almas rebeldes (...) A salvação é um dom, e o pecador não contribui com nada, tendo apenas as mãos vazias estendidas para recebê-la. Mesmo esse simples ato de fé em si mesmo é da iniciativa divina, e não pela autogeração autônoma. A fé salvadora é, em si mesma, um dom, não uma capacidade natural pela qual simplesmente decidimos concentrar em Cristo como um objeto de nossa confiança, como fazemos com outros objetos (...) Deus salva. Deus não faz meramente o suficiente para tornar a salvação possível, deixando para nós o trabalho de abrir caminho, ‘para merecer os méritos de Cristo’, fazendo a nossa parte, para tornar meramente possível uma realidade. Cada elo na corrente da redenção é forjado na bigorna de Deus do começo ao fim”.

Reforçando

esta idéia, a Confissão de Fé de Westminster afirma (MARTINS, 1991, Capítulo IX, § III, p. 57):

“O homem, ao cair no estado de pecado, perdeu inteiramente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação; de sorte que um homem natural, inteiramente avesso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso”.

Os seguintes textos bíblicos lançam luz sobre essa questão:

- Rm. 5.6; 8. 7 e 8: *“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.(...) Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à*

lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (BEA-RA).

- Jo. 15.5: *“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (BEA-RA).*

- Rm. 3.9, 12, 23: *“Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado;(…) como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer (...) pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (BEA-RA).*

A questão do livre-arbítrio foi uma das “bandeiras” levantadas pelo Arminianismo³. As idéias de Jacobus Arminius foram totalmente rejeitadas pelos defensores da Fé Reformada no Sínodo de Dort (1618-1619). Para Arminius, o homem tem liberdade em escolher seu destino pelo fato dele não ser totalmente depravado por causa do pecado, contrapondo-se assim ao que afirmam as Escrituras Sagradas e a Teologia Reformada. Há nas idéias de Arminius grande influência de um outro herege chamado Pelágio. Sobre ele, R. K. Mc Gregor Wright diz (WRIGHT, 1998, p. 22):

“Pelágio parece ter sido um monge irlandês ou galês que apareceu em Roma por volta de 400 d.C., para refutar as doutrinas de Agostinho, o grande bispo e mestre de Hipona. (...) Pelágio foi um moralista sincero que se tornou temeroso de que a oração de Agostinho a Deus para ‘dar o que Tu ordenas, e ordenar o que Tu queres’, pudesse conduzir à imoralidade e lassidão, porque ela implicava que mesmo os regenerados não podiam obedecer a Deus a menos que fossem continuamente capacitados pelos dons da graça divina. Sua própria idéia de natureza humana foi baseada na teoria da Queda que essencialmente negava o pecado original, de modo que a vontade era totalmente livre da influência de

³ Teologia protestante começada a partir de Jacobus Arminius, por volta de 1580, em oposição ao calvinismo da igreja estatal holandesa. Ele modifica a idéia de graça da Reforma por comprometé-la com a teoria do livre-arbítrio (WRIGHT, 1998, p. 251).

Adão. Conseqüentemente, os pecadores poderiam obedecer a lei de Deus perfeitamente, se somente eles fizessem um esforço.”

Infelizment

e, muitas pessoas pensam que somente pelo esforço próprio conseguirão alcançar a salvação. Não somente os católicos e os espíritas que buscam a salvação através das obras humanas estão enquadrados nessa situação. Muitos evangélicos pensam o mesmo com respeito à santificação. Crêem ser possível alcançar um estado tão elevado na santificação pessoal mediante uma vida disciplinada (boas obras?), em vez de dependerem tão somente da graça de Jesus.

Não há no

homem, mérito algum ou qualquer condição para responder positivamente ao chamado de Deus. Se o mesmo Deus não agir na situação do homem, jamais este alcançará a salvação (Rm. 6. 18 e 22). Mais uma vez R.K.Mc Gregor Wright tem razão quando afirma (WRIGHT, 1998, p. 103):

“Os pecadores são rebeldes, avessos a todo o bem. Eles são escravos do pecado, com mentes obscurecidas e consciências impuras, suprimindo uma parte da verdade pelo uso seletivo de outras, por jogar uma verdade de Deus contra outra (...) Essas, então, são as criaturas que os arminianos afirmam sempre responder ao evangelho partindo de uma posição de neutralidade.”

O que ele diz por “suprimir uma parte da verdade pelo uso seletivo de outras”, é o que fazem muitas pessoas quando afirmam que a doutrina da Soberania de Deus anula a responsabilidade do homem. A responsabilidade humana existe, mas, ela não afirma o livre-arbítrio como muitos querem que seja. Ela apenas mostra que o único culpado do homem ser condenado é ele próprio e mais ninguém, e que a doutrina da Soberania de Deus não transforma Deus num carrasco insensível que não se importa com os pecadores. A verdade sobre a responsabilidade humana não é contrária à Soberania de Deus; o livre-arbítrio, sim. Enquanto o livre-arbítrio afirma que o homem tem condições de escolher ser salvo ou não porque não é totalmente depravado pelo pecado, a responsabilidade humana afirma que o

homem é pecador e por isso ele está condenado. Se Deus não agir com amor em favor deste homem pecador (que é o único responsável por sua condenação), de forma alguma ele alcançará a salvação.

1.1.2.2 – A Soberania de Deus ou a “Tirania” de Deus?

A Soberania de Deus é a “rainha” de todas as doutrinas bíblicas. Crer que Deus é soberano é fundamental para uma compreensão correta e uma prática sábia das Escrituras. Tudo depende Dele para ser e existir (Ap.4.11). Ele é soberano sobre os governos do mundo (Pv. 21.1; Dn. 4. 35); nos sofrimentos de Cristo (Lc. 22.42; At. 2.23); na eleição e reprovação dos homens (Rm. 9.15 e 16); na regeneração do pecador (Tg. 1.18); na santificação do crente (Fp. 2.13); nos sofrimentos dos crentes (1Pe. 3.17); na vida e no destino do homem (At. 18.21; Rm. 15.32; Tg. 4.15); até nas menores coisas da vida (Mt. 10.29). Deus é causa final de todas estas coisas (cf. BERKHOF, 1985, p.66).

J.I.Packer está totalmente correto em afirmar que: *“A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a responsabilidade do pecador por sua reação ao evangelho. Não importa o que possamos crer sobre a eleição, continua valendo o fato de que um homem que rejeita a Cristo torna-se, por meio dela, a causa da sua própria condenação”*. (PACKER, 2002, p.94).

O fato de um homem rejeitar a Cristo é a causa de sua condenação, do contrário haveria de se concordar com arminianos quando refutam a doutrina bíblica da Eleição dizendo que se Deus predestinou os salvos, os não salvos são apenas vítimas da Sua escolha. Porém, deve-se atentar para o fato de não haver um justo sequer sobre a face da terra (Rm. 3.10); não há uma pessoa sequer que possa alegar merecer a salvação. Pelo fato de todos serem pecadores, Deus escolheu a quem quis, enquanto os que Ele não escolheu são os responsáveis por sua própria

condenação por serem pecadores. Quanto aos que Ele escolheu, estes não são responsáveis pela salvação que receberam, mas, somente Deus. E, se, Deus não tivesse escolhido os Seus, estes continuariam responsáveis também pela condenação que haveriam de receber (caso o Senhor não os tivesse escolhido).

O grande problema é que o homem não quer ser o responsável por sua condenação (o que de fato é), e quer se responsabilizar como “autor” da sua salvação (o que jamais será). O ponto central da questão não é o porquê Deus não escolheu a todos para salvação (o que não seria uma escolha, mas, Universalismo), mas só alguns. A questão é porque Ele ainda escolheu esses “alguns”. Ele não precisava ter revelado Sua misericórdia a ninguém. Se quisesse lançar todos no inferno, ainda assim seria tão justo quanto como o é quando escolhe alguns para a salvação. Não se vê aqui nenhuma injustiça da parte de Deus, e nem mesmo acepção de pessoas. A injustiça e a acepção acontecem quando o direito de alguém é tolhido. Em se tratando da salvação, qual ser humano tinha esse direito? As palavras de Paulo são esclarecedoras: *“Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas, de usar Deus a sua misericórdia”* (Rm. 9. 14 e 15) (BEG-RA).

Mais uma vez deve ser recordada a limitação humana quanto a esse assunto, como diz J.I.Packer: *“Um Deus que nós pudéssemos entender de forma exaustiva e cuja revelação de si mesmo não nos confrontasse com algum tipo de mistério, seria um Deus à imagem e semelhança do homem e, por isso mesmo, seria um Deus imaginário, mas de modo algum o Deus da Bíblia.”* (PACKER, 2002, p. 21). Soma-se a esse comentário o que diz Ricardo Barbosa de Souza sobre o dilema de Jó (SOUSA, 1999, p.44):

“(…) a questão apresentada no início do livro sobre as motivações do homem em adorar e servir a Deus encontra sua resposta nesta visão de um *Deus livre e*

soberano, que não se deixa aprisionar por nenhum esquema teológico, cujo agir não é determinado por nenhuma lógica de causa-e-efeito, mas por seu amor gratuito e livre” (Grifo é meu).

Outro

problema é o orgulho do homem. Ele jamais gosta de receber alguma coisa sem que tenha feito por merecer. Falando sobre a palavra “Graça”, Philip Yancey diz: “...a palavra sustenta nossa civilização orgulhosa, lembrando-nos que as coisas boas não vêm de nossos próprios esforços, e sim pela graça de Deus.” (YANCEY, 2002, p. 10). A Graça de Deus tem o poder de produzir no homem dois sentimentos opostos, mas que o leva ao mesmo fim. Ela o lança ao pó, lembrando-lhe que não é coisa alguma sem o poder de Deus, e por isso deve total obediência e devoção a Ele. Também enche o coração do homem do mais profundo gozo, mostrando-lhe que apesar de ser abominável coisa por causa do pecado, é um ser amado tão maravilhosamente por Deus, a ponto de ser transformado num filho Dele.

Por essa razão o homem deve se render humildemente a Deus e não querer disputar os méritos da sua salvação, mesmo porque não pode ser creditado ao homem o que é para exclusiva glória de Deus. R.C. Sproul disse que: “*Não há nenhuma mistura do mérito humano com a graça divina. A salvação não é uma realização humana; é um gracioso dom de Deus*” (SPROUL, 1997a, p.107). O homem precisa da intervenção de Deus para salvá-lo, por que ele está “morto em seus delitos e pecados” (**nekrou.j toi/j paraptw,masin kai. tai/j a` marti,aij**) (Ef. 2.1), e um corpo morto não pode sair da cova com vida se não for ressuscitado, simplesmente pelo fato de que está morto. Se o pecador não for regenerado pelo poder de Deus, jamais conseguirá se mover em direção a Deus. Martinho Lutero confirma isso quando diz: “*Se os homens fossem capazes, ainda que o mínimo possível de movimentarem-se na direção de Deus, não haveria mais qualquer necessidade de Deus salvá-los*” (LUTERO, 2001, p.16). O homem só precisa de um Salvador porque não consegue se salvar sozinho; em seu estado natural, nem sequer imagina que necessite de um salvador.

Ainda

continuando nesse raciocínio, R.C.Sproul afirma: “*Ser regenerado não significa que somos transformados de um ser humano em um ser divino. Mas significa que fomos modificados de seres humanos que estão espiritualmente mortos para seres humanos que estão espiritualmente vivos.*” (SPROUL, 1997a, p. 93).

Não há

possibilidade do homem natural cooperar no processo da sua salvação; ele não tem condições em si mesmo. Até mesmo o “aceitar a Jesus” como comumente é dito nos meios evangélicos, só é possível depois da regeneração, depois que o “morto” foi “ressuscitado” (Cl. 2.12: **evgei,rantoj auvto.n evk nekrw/n**). R.C.Sproul diz: “*A razão pela qual não cooperamos com a graça regeneradora antes dela agir em nós e sobre nós, é que não podemos mesmo cooperar (...) Mas dizer a uma pessoa que escolha renascer é como exortar um cadáver a escolher a ressurreição. Tal exortação cai sobre ouvidos surdos*” (SPROUL, 1997a, p.105). Desde a Eleição, lá nos tempos eternos, até a resposta do homem diante do chamado de Deus, tudo é obra de Dele.

Francisco

Leonardo Schalkwijk diz algo interessante sobre essa questão do homem quanto à salvação: “*A idéia de auto-salvação é como um vírus latente; às vezes parece dormir, mas de repente aparecem focos da velha epidemia*” (SHALCKWIJK, 2002, p. 52).

Sempre a Igreja de Cristo enfrentará essas velhas heresias, que de tempos em tempos ressurgem com força tentando confundir as pessoas. Sempre quando a Igreja ousar pregar essas vigorosas doutrinas, surgirão aqueles que a acusarão de pregar um Deus que é um tirano implacável, e afirmarão que o homem está indefeso diante de tudo isso. É bom lembrar que os que agirem assim, laborarão em erro porque o homem jamais poderá insinuar qualquer acusação contra Deus. Como diz Francisco Leonardo Schalkwijk, refutando aqueles que

dizem que a salvação é uma manipulação feita por Deus: *“Pois o pecador não se perde por falta de sinceridade daquele que enviou seu próprio Filho; ele se perde pelos seus próprios pecados. É um tipo de autocondenação (Tt. 3.11; Pv. 5.23). Como o Senhor Deus falou: ‘A tua ruína... vem de ti, e só de mim, o teu socorro’ (Os. 13.9).”* (SCHALKWIJK, 2002, p. 31).

Para

finalizar essa questão do livre-arbítrio, Lutero diz (LUTERO, 2001, p.18):

“Finalmente, portanto, se existe tal coisa como o ‘livre-arbítrio’, deve ser a mais nobre das capacidades humanas, porque, mesmo sem o Espírito Santo, professa possibilitar o homem a guardar a lei inteira! Entretanto, Paulo assevera que aqueles que são das ‘obras da lei’ não estão justificados. Isso significa que o ‘livre-arbítrio’, mesmo considerado por seu melhor ângulo, é incapaz de corrigir a situação do homem diante de Deus”.

O livre-

arbítrio não somente é contrário à doutrina da Soberania de Deus, como também bane a confiança total e exclusiva no Sacrifício vicário do Senhor Jesus para dar vazão à confiança nos méritos humanos e em seus esforços.

Deus não é um “tirano”. Ele é o Deus soberano que se revelou ao pecador em amor e compaixão, apesar deste tê-Lo ofendido brutalmente com o pecado. Um Deus que não precisava salvar nenhum daqueles que ofenderam Sua santidade, e, mesmo assim, os salvou, não pode ser movido por sentimentos “tiranos”, mas, sim, por amor. Um Deus que poderia ter dado as costas aos pecadores, sem com isso ser chamado de injusto e rancoroso, mas, sim, ser chamado de santo e justo, esse Deus que decidiu salvar os pecadores, deve ser adorado, servido e exaltado. A questão não é porque Deus salva este e não àquele; a questão é porque Ele ainda salva este.

Sobre a Soberania de Deus, a Bíblia sempre terá a última palavra. Os seguintes textos devem ser analisados.

- Rm. 9. 14 e 15: *“Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão”*(BEA-RA).

- Rm. 9. 19 a 24: *“Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?”* (BEA-RA).

Deus é

Soberano, e tem total direito e domínio sobre a Sua criação. O homem pode responder ao toque de Deus em sua vida, contudo, somente depois de ser tocado e transformado por Deus. A responsabilidade do homem não é anulada em hipótese alguma pela soberania de Deus, pois, se o fosse, Deus seria o responsável pelo pecado do homem, e não o próprio homem. Tal coisa seria uma blasfêmia contra a Santidade de Deus.

1.1.2.3 – O Perigo do Arminianismo

Geralmente as pessoas dizem que discutir tais assuntos não traz nada de edificante por se tratar de “coisas inventadas pelos teólogos”, e que questões como o livre-arbítrio não têm nada de prejudicial, pois é apenas uma forma diferente de se ver um assunto bíblico. Mas o Arminianismo não é algo tão inofensivo assim.

O Arminianismo está comprometido com o Humanismo não somente por serem contemporâneos como também em suas teses. O Humanismo coloca o homem como o centro do mundo. A Reforma Protestante resgatou a doutrina Cristocêntrica da Bíblia. No período da Renascença, os novos horizontes desbravados chamavam a atenção das pessoas. A libertação do julgo que a Igreja Romana impunha levou a uma aversão a tudo aquilo que se apresentava como “religião”. Libertar-se do julgo de Roma foi muito bom, mas negar a fé Cristocêntrica conduziu ao Existencialismo e ao Humanismo, os quais colocam o homem como o centro de tudo e não Cristo. A situação chegou a ponto de que se alguém quisesse entrar para a Universidade de Ciências deveria declarar-se um ateu. Dessa forma o Humanismo ganhava cada vez mais espaço.

O Arminianismo coloca a questão da salvação como uma questão do homem decidir aceitar ou não a salvação que lhe é dada por Deus em Cristo. Dessa forma o Arminianismo tem muito mais de Humanismo do que de Cristianismo autêntico. O Cristianismo autêntico apresenta Deus como o soberano nas decisões, enquanto o Arminianismo apresenta o homem como capaz de querer ou não se salvar.

O perigo do Arminianismo vai muito mais além. R. K. Mc Gregor Wright faz uma revelação assustadora quanto ao caos que se instalou nas igrejas da Europa: *“Aquelas igrejas que se tornaram arminianas no século XVII se deslocaram para o socianismo e arianismo no século XVIII, e se tornaram, na sua maioria, igrejas mortas no século XIX. Algumas se tornaram unitárias e universalistas e sobreviveram dessa forma em nosso século”* (WRIGHT, 1998, p.191). Ao contrário do que muitos dizem, não foi o Liberalismo Religioso o grande responsável pelo declínio daquelas igrejas. Ele pode ter ajudado no processo. Mas o grande causador desse declínio foi o Arminianismo, o qual deu forças ao Humanismo e vice-versa. Numa igreja em que o Humanismo corre solto, é impossível creditar toda honra e glória a Deus. Onde o homem recebe a atenção, Deus é relegado a um segundo plano. O resultado

disso só pode ser desastroso. Para os que defendem o Arminianismo como algo saudável, fica esse recado com muito amor.

1.2 – A Segurança do Crente

A doutrina bíblica da Eleição está intimamente ligada a outra verdade bíblica: a segurança do crente. O crente pode descansar com segurança na fidelidade de Deus no que diz respeito à salvação. Deus é imutável e o Seu amor também. Tal verdade não deve levar o crente ao relaxo na sua santidade de vida. Isso será visto com mais detalhes no próximo capítulo.

Essa verdade encontra base tanto no Antigo como no Novo Testamento. Veja-se os seguintes textos:

- Is. 43. 1 e 2: *“Mas agora, assim diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti”* (BEG-RA).

- Jo. 10. 27 e 28: *“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão”* (BEA-RA).

-Rm. 8. 31 a 35: *“Que diremos, pois, à vista destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as cousas? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?”* (BEA-RA).

- 2Tm. 2. 11 a 13: *“Fiel é esta palavra: se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma poderá negar-se a si mesmo”* (BEA-RA).

Os três primeiros textos apresentados dão uma forte segurança ao coração do crente, de que jamais perderá a salvação. O último porém (2Tm. 2.11 a 13), para muitas pessoas é um argumento contrário a essa doutrina. Contudo, este texto não dá margem para essa interpretação. O que este texto está mostrando é que *“se”* alguém de fato passou pela experiência da conversão a Cristo, *“de fato”* reinará com Ele. Contudo, se alguém O negar (sobre a apostasia será feita uma análise ainda neste capítulo) tal pessoa será também negada por Ele, mas isso porque tal pessoa nunca foi *“de fato”* convertida a Cristo, por que o crente verdadeiro não negará jamais a Cristo. No v.13 a Bíblia diz que mesmo havendo infidelidade da parte do homem, não haverá infidelidade da parte de Deus. Isso leva à seguinte conclusão: Deus é fiel tanto para cumprir a Sua promessa de salvação quanto para cumprir a promessa de condenação. Para o crente fiel resta uma vida de plena confiança na fidelidade imutável de Deus, cujo caráter é imutável.

O sistema doutrinário conhecido como Calvinismo pode ser resumido em cinco pontos básicos conhecidos pelo acróstico (em inglês) *“TULIP”*. São eles:

- **Depravação Total** – o homem está totalmente depravado e corrompido pelo pecado, (Rm. 3.23).
- **Eleição Incondicional** – não há qualquer condição para que Deus dê a salvação aos homens, e não há nestes nenhuma condição para recebê-la; ela só acontece pela vontade de Deus, (Ef. 2.1, 4 e 5). Philip Yancey diz: *“Apenas o Cristianismo se atreve a dizer que o amor de Deus é incondicional”* (YANCEY, 2002, p. 46).

- **Expição Limitada** – o sacrifício de Cristo foi somente pelos eleitos, para efetuar a salvação destes somente, (Mc. 10.45). Do contrário ter-se-ia que admitir que há pecadores no inferno por quem Cristo morreu, e isso é o mesmo que dizer que o sacrifício de Cristo não pleno. Se a Expição fosse universal, Cristo teria morrido por todos os pecados de todos os homens. A incredulidade é pecado. Os que são condenados o são por serem pecadores e incrédulos para com Cristo. Logo, se há incrédulos no inferno, apenas duas respostas existem para essa questão: ou a incredulidade é mais forte que a Expição de Jesus, ou então, Ele morreu somente pelos eleitos.
- **Graça Irresistível** – quando Deus chama um eleito à salvação, este não resiste ao chamado divino que não é coercitivo, mas, sim, persuasivo, (Jr. 31.3).
- **Perseverança dos Santos** – todos os regenerados haverão de perseverar até o fim, mas, sempre confiantes no poder e na graça de Deus que os capacita a chegarem lá, (Fp. 1.6; Jo.10.28 e 29).

A segurança que o crente pode ter quanto à sua salvação está embasada nessas verdades. Pois todas elas (com exceção da primeira que diz respeito a nós tão somente), apresentam o caráter de Deus.

Pode se afirmar com toda a convicção e firmeza na Palavra que a nossa salvação depende tão somente de Deus, ela tem como base o caráter de Deus que é imutável, santo e justo. A Confissão de Fé de Westminster falando sobre cada uma dessas verdades (é claro que não mencionando o acróstico “TULIP”, pois este não foi elaborado na mesma ocasião), diz o seguinte (MARTINS, 1991):

- **A Total Depravação:** o pecado de Adão e Eva transferido a toda a humanidade:

“Por este pecado eles decaíram de sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em

todas as faculdades e partes do corpo e da alma. Gn. 3. 6 – 8; Rm. 5.12; Ef. 2.3; Gn.6.5; Rm. 8. 6 – 8.” (Capítulo VI, § 2º, p. 36).

“Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito de seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transferidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária. At. 17.26; Gn.2.16 e 17; Rm. 5. 12, 15 – 19.” (Capítulo VI, § 3º, p. 37).

- **Eleição Incondicional:** (embora este parágrafo trate do Pacto de Deus com o homem)

“Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele, como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual agradou-lhe expressar por meio de um pacto. Jó. 9.32 e 33; Sl.114.5 e 6; At. 17. 24 e 25.” (Capítulo VII, §1º, p. 41).

- **Expição Limitada:** (embora este parágrafo esteja relacionado com a Mediação de Cristo e não com a Expição Limitada propriamente dita)

“Cristo, com toda certeza e de forma eficaz, aplica e comunica a salvação a todos aqueles para quem a adquiriu. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na Palavra e pela Palavra os mistérios da salvação, persuadindo-os, eficazmente, pelo seu Espírito, a crer e a obedecer, governando os corações deles pela sua Palavra e pelo seu Espírito; Jo. 6. 37 e 39; 1Jo. 2.1; Jo. 15.15; Gl. 1. 11 e 12.” (Capítulo VIII, §8º, p.55).

- **Graça Irresistível:**

“Todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido chamar eficazmente pela sua Palavra, pelo seu Espírito, no tempo por ele determinado e aceito, tirando-os daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza para a graça e salvação, em Jesus Cristo. Rm. 11.7; 2Ts. 2. 13 e 14.” (Capítulo X, § 1º, p. 60).

- **A Perseverança dos Santos:**

“Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, eficazmente chamados e santificados pelo seu Espírito, não podem cair do estado de graça, nem total nem finalmente; mas com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim, e estarão

eternamente salvos. Fp. 1.6; 1Pe. 1. 5 e 9; Jr. 32. 40” (Capítulo XVII, § 1º, p. 89).

Todas essas citações da Confissão de Fé de Westminster provam a segurança que o crente pode ter com respeito à sua salvação. Essa segurança está firmada no caráter misericordioso de Deus para com os eleitos, que é imutável.

1.2.1 – Uma Vez Salvos, Salvos para Sempre

É comum encontrarmos crentes dizendo que “uma pessoa caiu da Graça”. Será possível tal coisa acontecer? Se a salvação dependesse do homem e de sua escolha, com certeza isso seria realidade. O homem é volúvel, e até mesmo aqueles que são mais determinados em seus objetivos e rigorosos com seus compromissos acabam falhando. Quando se diz que “uma vez salvos, salvos para sempre”, a referência aqui é à Obra de Deus no coração do homem, ou seja, a salvação e a segurança que dela provém. É obra do Senhor e não do homem, “*porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.*”, Fp. 2. 13 (BEA-RA).

A salvação do homem está nas mãos de um Deus que é imutável, e tão somente Dele , por meio dos méritos do sacrifício de Jesus depende a estabilidade dela. Se dependesse do homem, bastaria apenas um pecado deste para derrubar qualquer segurança que este pudesse ter.

Norman

Geisler, embora tente achar um equilíbrio entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio e seja um opositor do que chama de Calvinismo extremado⁴, comentando a interpretação de Rm. 8.16 dada pelos calvinistas extremados, diz (GEISLER, 2001, p. 135):

⁴ “Calvinista extremado é alguém que é mais calvinista do que João Calvino (1509 – 1564), de cujos ensinamentos vem o termo” (GEISLER, 2001, p. 61, nota). Curiosamente, ele considera como tal, aquele que crê nos cinco pontos básicos do Calvinismo, (cf. GEISLER, 2001, p. 63).

“Em consequência, segundo todos os calvinistas, a salvação não pode ser perdida; segue-se que os calvinistas extremados devem admitir que, sem levar em conta se um crente cai ou não em pecado, ele estará no céu. Isso porque não chega lá pela própria justiça, mas pela justiça de Cristo imputada a ele (cf. 2Co. 5.21; Tt. 3.5-7)”.

Há de se concordar com ele (embora neste texto ele esteja criticando o Calvinismo!), pois é verdade que um crente não chega no céu pela própria justiça, mas, tão somente, pela justiça de Cristo que lhe foi imputada.

A segurança do crente está firmada no caráter de Deus. Ele não é volúvel como o homem, e nem a Sua vontade é variável como a do homem, pois: “*Toda boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes*”, (Tg. 1.17) (NVI).

Samuel Falcão falando sobre a imutabilidade de Deus, citando Agostinho, em *Confissões*, XII, 15, diz (FALCÃO, 1989, p. 60):

“Deus não quer uma coisa agora, para logo mais querer outra; mas aquilo que ele quer, ele o quer uma vez por todas e para sempre; não repetidamente, agora isto e daí a pouco aquilo; não quer depois o que antes não queria, nem quer agora o que antes não queria; porque uma vontade assim é mutável, e nada mutável é eterno”.

Ter segurança da salvação é saber que nada pode afastar um redimido definitivamente de Deus. Pode até acontecer por algum tempo, que o redimido venha a cair em pecado, sentir as duras consequências do seu erro, tais como a perda temporária da alegria da salvação, como aconteceu com Davi (Sl. 51.12), rompimento da comunhão com Deus e com a Sua Igreja, etc, tudo isso porém, temporariamente, pois Deus não permitirá que um filho Dele, por quem Ele

deu Seu Filho Unigênito lá na cruz, venha perecer eternamente como se o pecado do homem fosse mais forte do que o amor de Deus revelado em Jesus.

Philip

Yancey comenta magistralmente a Graça de Deus (o que também pode ser aplicado à segurança do crente): “*Graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar mais... E a graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar menos...A graça significa que Deus já nos ama tanto quanto é possível um Deus infinito nos amar*” (YANCEY, 2002, p. 71). E ainda: “*A graça nos ensina que Deus nos ama pelo que Ele é, e não pelo que nós somos*” (YANCEY, 2002, p. 295).

O escritor

da carta aos Hebreus afirma que o sacrifício de Jesus foi único e para sempre, (Hb. 9. 24 e 25): “*Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos , figura do verdadeiro , porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.*” (BEA-RA). Sendo o sacrifício de Cristo tão maravilhoso poderia o efeito deste sacrifício ser transitório? Pregar que um redimido pode perder a salvação em decorrência de um pecado cometido, é o mesmo que dizer que Deus é mais fraco que o pecado. Isso é blasfêmia.

John

Murray comentando sobre a Expição realizada por Jesus diz (MURRAY, 1993, p.69):

“O que a redenção significa? Ela não significa a *possibilidade* de libertação, que estamos postos numa posição de *possível* libertação. Ela significa que Cristo comprou e adquiriu a nossa liberdade... Cristo não veio tornar os pecados *expiáveis*. Ele veio *expiar* os pecados – e tendo ‘feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas’ (Hb.1.3). Cristo não veio fazer Deus reconciliável. Ele reconciliou-nos com Deus por meio de seu próprio sangue”.

Os

arminianos afirmam que é possível um crente perder a salvação, isso por acharem que a doutrina da Eterna Segurança do Crente o leva a uma vida relapsa e sem compromisso sério com a Santidade de Deus. Se uma pessoa que confessa ser crente em Cristo Jesus, entende dessa forma essa doutrina, de fato terá que rever seus conceitos sobre sua salvação pois, pode ainda não ter sido convertida a Cristo. Contudo, se é verdade que um crente pode perder a salvação, os arminianos jamais poderão ter essa certeza, mesmo estando a um passo dos portões celestiais, pois até que entrem no céu, estarão correndo sérios riscos de não serem salvos. Norman Geisler diz: *“Um dos grandes fatores motivadores da vida cristã é a certeza da salvação. Nenhum arminiano, porém, pode estar certo de que irá para o céu. A possibilidade de apostasia sempre está pendente sobre sua cabeça. Se ele se desvia, perde a salvação.”* (GEISLER, 2001, p. 162) . Deus tenha misericórdia daqueles que vivem sob essa terrível pressão!

Deste

ponto partimos para outro igualmente importante: a Perseverança dos Santos.

1.2.2 – A Perseverança dos Santos

Os seguintes textos confirmam que o eleito deve ficar firme na presença do Senhor.

- 1Jo. 3:9: *“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”* (BEG-RA).

-2Tm. 2:19: *“Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: o Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Afaste-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor”* (BEA-RA).

- Ef. 1.4 e 5: “(...)assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade (...)” (BEA-RA).

A Confissão de Fé de Westminster diz (MARTINS, 1991, p. 89 e 92):

“Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, eficazmente chamados e santificados pelo seu Espírito, não podem cair do estado de graça, nem total nem finalmente; mas com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim, e estarão eternamente salvos. Fp. 1.6; 1Pe. 1. 5 e 9; Jr. 32. 40” (capítulo XVII, § 1º, p. 89).

“Esta perseverança dos santos depende, não do próprio livre-arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito e da semente de Deus neles, da natureza do pacto da graça e de tudo o que gera também a sua exatidão e infalibilidade” (capítulo XVII, § 2º, p. 89).

“Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pelo predomínio da corrupção restante neles e pela negligência dos meios de sua preservação, podem cair em graves pecados, e por algum tempo, continuar neles; incorrem, assim, no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e, em alguma medida, vêm a ser privados de suas graças e confortos; têm seus corações endurecidos e suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais” (capítulo XVII, § 3º, p. 92).

A pessoa

que foi eleita e chamada por Deus para a salvação deverá permanecer firme até o fim. Em Ap. 2.10 está escrito: “*Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida*” (BEG-RA). O que este versículo quer dizer é que o crente deve ser fiel ainda que tenha de morrer por causa da sua fé. A Bíblia exorta à constância e à firmeza na fé. Perseverança não significa infalibilidade ou isenção de pecado. Enquanto estiver neste mundo, o crente enfrentará constantes lutas contra o pecado, e muitas vezes cairá. Contudo, havendo arrependimento (o que também é ação do

Espírito Santo no coração do crente, At. 11.18) e confissão de pecados por parte do crente, este prossegue firme em sua jornada ao céu.

A

perseverança do crente não deve levá-lo a confiar nos seus esforços como se tão somente deles dependesse a sua salvação, mas deve produzir em seu coração um profundo sentimento de total dependência de Deus para permanecer firme até o fim. O motivo porque o crente cai no pecado é justamente pelo fato dele além de sofrer constantes tentações do inimigo e do mundo, ainda negligencia os meios da preservação da perseverança.

A

exortação de Paulo aos colossenses é muito importante para todos os crentes: *“Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração”*, (Cl. 3.16) (BEA-RA). Se Paulo deu essa ordem aos colossenses é porque sabia da possibilidade dos crentes não terem a Palavra habitando ricamente neles. Se o crente negligencia o Estudo da Palavra e a aplicação da mesma em sua vida, se ele não se importa em ter uma vida de oração da qual provém uma comunhão intensa com Deus, e se ele despreza a comunhão com outros crentes, com certeza estará mais vulnerável ao pecado do que normalmente já está.

A

perseverança do crente conota um esforço da sua parte, mas, acima de tudo, aponta para uma confiança total na soberania de Deus, que providencia os meios necessários para que haja essa perseverança, e, por fim, a vitória definitiva sobre o pecado.

Pensar na

Perseverança dos Santos como uma obra do Senhor aplicada no redimido é de suma importância para atribuir a Deus o louvor que Lhe é devido. Samuel Falcão disse

(FALCÃO, 1989, p. 80):

“Deus é o único ser auto-existente. Em última análise, ele é o único ser que tem o direito de existir (...) Nenhum homem e nenhuma criatura tem o direito de vangloriar-se do que é ou tem, porque não é o originador de nada (...) Deus tem em si mesmo glória infinita e nada pode ser acrescentado a ela. Para ser feliz ou glorioso ele não precisa de suas criaturas (...) se a criação é apenas a revelação da glória de Deus, é um insensato desvio de seu real objetivo atribuir glória a qualquer criatura, porque será dar à coisa criada a glória que pertence ao seu autor”.

É bom

lembrar ainda o que diz Ap. 4. 9 – 11 (BEA-RA):

“Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”.

O que este

texto comunica é que mesmo aqueles que permanecerem fiéis até o fim e receberem a coroa da vida deverão curvar-se humildemente diante de Deus e render-Lhe toda a glória, pois só chegaram lá por que Deus os sustentou até o fim.

Outros

textos mostram essa doutrina claramente:

- 1Pe. 1. 5 e 9: “*Que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Obtendo o fim de vossa fé, a salvação de vossas almas*”. (BEA-RA).

- Jr. 32.40: “*Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim.*” (BEA-RA).

- 2Ts. 3.3: “*Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do maligno*” (BEG-RA).

Apesar

dessa verdade ser irrefutável, tendo bases sólidas na Palavra de Deus e sendo fruto de uma interpretação sábia das Escrituras, os que não aceitam a doutrina bíblica da Eleição procuram por textos bíblicos que possam afirmar que o crente corre o risco de perder a salvação se não vigiar. Eis o principal texto: Hb. 6. 3 – 6.

1.2.3 - Hebreus 6. 3 – 6: Um Texto Complicado, ou Que o Complicam?

Eis um dos textos preferidos daqueles que crêem que o crente pode perder a salvação. Numa breve análise ficará claro qual o significado deste texto.

1.2.3.1 – O Significado de Cada Palavra do Texto

O texto original é (NESTLE, 1991, p. 569, 560):

3 kai. tou/to poih,somen(eva,nper evpitre,ph| o` qeo,jÁ
4 VAdu,naton ga.r tou.j a[pax fwtisqe,ntaj(geusame,nouj te th/j dwrea/j th/j
evpourani,ou kai. meto,couj genhqe,ntaj pneu,matoj a`gi,ou
5 kai. kalo.n geusame,nouj qeou/ r`h/ma duna,meij te me,llontoj aivw/noj
6 kai. parapeso,ntaj(pa,lin avnakaini,zein eivj meta,noian(avnastaurou/ntaj e`autoi/j
to.n ui`o.n tou/ qeou/ kai. paradeigmati,zontajÁ.

kai. Conjunção Aditiva de **kai.** *e, também.*

tou/to pronome demonstrativo acusativo neutro singular de **ou-toj** *isto.*

poih,somen Futuro do Indicativo Ativo da 1ª Pessoa do Plural de **poiée,w,** *fazer, construir,*

fabricar (cf. GD).

eva,nper Conjunção subordinada, *se de fato* (cf. GD).

evpitre,ph| Presente do Subjuntivo Ativo da 3ª Pessoa do Singular de **evpitre,pw,** *permitir, deixar*

(cf. GD).

adu,naton – Adjetivo Nominativo Neutro Singular de **avdu,natoj**, que se referindo a pessoas,

significa *impotente, fraco*, At. 14.8; Rm. 15.1. Em relação a coisas significa *impossível*, Rm. 8.3 e Hb. 6.4, 18 (cf. GD).

ga.r conjunção subordinada de **ga,r que**, usada para expressar causa.

tou.j artigo definido masculino plural de **o` os**.

a[pax – Adjunto Adverbial de **a[pax** que significa *uma vez, de uma vez por todas* (cf. RR).

fwtisqe,ntaj Acusativo Masculino Plural do Particípio Aoristo Passado de **fwti,zw** que em

Hb. 6.4 significa *trazer à luz, revelar* (cf. GD).

geusame,nouj Acusativo Masculino Plural do Particípio do Segundo Aoristo Médio de **geu,omai**

que com o genitivo significa *provar, experimentar*. O verbo expressa o desfrutar real e consciente das bênçãos apreendidas em seu verdadeiro caráter (cf. RR citando Westcott).

dwrea/j Substantivo Genitivo Feminino Singular de **dwrea**, *dom* (cf. GD).

evpourani,ou Adjetivo Feminino Singular de **evpouráa,nioj**, *celestial* (cf. GD).

meto,couj Adjetivo Pronominal Acusativo Masculino Plural de **me,tocoçj**, *participante* (cf. RR).

genhqe,ntaj Acusativo Masculino Plural do Particípio Aoristo Passivo de **gíí',nomai**, que neste

texto significa *tornar-se* (cf. HAGNER, 1997, p. 133).

kalo.n adjetivo acusativo neutro singular de **kalo,j** *bom, bonito*.

geusame,nouj Acusativo Masculino Plural do Particípio Aoristo Médio de **geu,omai**

experimentaram.

r`h/ma Substantivo Acusativo Neutro Singular **r`h/ma**, *palavra falada, aquilo que é falado* (cf.

RR).

duna,meij substantivo acusativo feminino plural de **du,namij** *poderosa.*

me,llontoj Genitivo Masculino Singular do Particípio Presente Ativo de **me,llw**, *estar para, vindouro* (cf. RR).

aivw/noj substantivo genitivo masculino singular de **aivw,n** *tempo muito longo, eternidade.*

parapeso,ntaj Acusativo Masculino Plural do Particípio Aoristo Ativo **parapi,ptw**, *cair, cair*

para fora, desviar-se (cf. RR).

pa,lin adjunto adverbial de **pa,lin** *de novo.*

avnakaini,zein Infinitivo Presente Ativo de **avnakaini,zw**, *renovar, fazer de novo* (cf. RR).

meta,noian substantivo acusativo feminino singular de **meta,noia** *arrependimento.*

avnastaurou/ntaj Acusativo Masculino Plural do Particípio Presente ativo de **avnastaro,w**,

crucificar de novo (cf. RR).

e`autoi/j pronome reflexivo dativo masculino da 3ª pessoa do plural de **e`autou/ eles mesmos.**

paradeigmati,zontaj Acusativo masculino Plural do Particípio Presente Ativo de

paradeigmati,zw, *expor publicamente, expor à desgraça, expor publicamente* (cf. RR).

A tradução

fica assim:

“(3) E é isto que vamos fazer se de fato Deus permitir. (4) Impossível que os que uma vez foram iluminados, e experimentaram o dom celestial e tornaram-se participantes do Espírito Santo, (5) e experimentaram da boa palavra de Deus e dos poderes do tempo vindouro (6) e caíram, renová-los de novo para arrependimento, pois estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o publicamente”.

1.2.3.2 – Os Contextos, Anterior e Posterior

Como mandam os princípios hermenêuticos, devem ser observados os contextos, anterior e posterior ao texto em foco. Eis o contexto anterior.

A Bíblia de Estudo Almeida em nota introdutória desta carta diz (BEA-RA,1999):

“No prólogo da chamada *Epístola aos Hebreus* (= Hb.) lemos: ‘Havendo Deus, outrora, falado...pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho’ (1. 1-2). Sobre este testemunho de fé, ponto permanente de referência para a totalidade do escrito, o seu autor estabelece desde o próprio começo o fundamento teológico da exposição que irá abordar em seguida. O seu objetivo é proclamar a universal supremacia de Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada na realidade imediata do ser humano (cf. Jo. 1.14).

No entanto, o caráter de *Hebreus* é principalmente exortatório. Assim é como o autor o concebe (13.22), que ao longo de toda a carta entrelaça os ensinamentos teóricos com conselhos e recomendações práticas, a fim de garantir a fé dos seus leitores cristãos em meio aos desalentos, temores e sofrimentos da vida presente”.

A carta aos

Hebreus mostra a superioridade de Cristo em todas as áreas (1. 2 – 4), quer no plano físico como no espiritual. Ele é superior aos seres angélicos (1.4 – 2.18). É superior a Moisés (3. 1 –

4.13), ao sacerdócio levítico (4. 14 – 7.28). Ele é o sumo sacerdote por excelência pois foi o único que penetrou o céu (4.14) e que, por meio do seu sacrifício nos concedeu livre acesso ao Pai, coisa que nenhum sacerdote pôde fazer (10. 19- 20), (cf. BEA-RA).

O tempo todo esta carta tem um caráter exortatório fortíssimo, o que fica bem claro nesta passagem em foco. Um sério perigo rondava aqueles crentes, a saber, o regresso ao Judaísmo. Pode-se afirmar que este é o segundo objetivo desta carta, sendo o primeiro, a superioridade de Cristo sobre tudo e todos.

A partir do capítulo 2, depois de mostrar a supremacia de Cristo sobre os seres angélicos, o autor começa suas exortações quanto à permanência na fé evangélica e diz no v.1: *“Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas **jamais nos desviemos (mh,pote pararuw/men)**”* (BEA-RA).

Continuando no capítulo 3 com as exortações o autor diz: *“Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente **(klh,sewj evpourani,ou me,tocoi(katanoh,sate)** o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus, o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.”* (Hb. 3. 1 e 2), (BEA-RA). E mostra que deveriam fazer tal coisa justamente porque Jesus é superior a Moisés, (v.3).

No capítulo 4, falando sobre o descanso que Deus dá ao Seu povo pela fé, faz uma comparação com os israelitas no deserto que caminhavam rumo à terra prometida. Mais uma exortação é feita nos v. 1, 11 e 14:

“Temamos, portanto, que sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado (...) **Esforcemo-nos**

(**spouda,swmen**), pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência. (...) Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, **conservemos firmes a nossa confissão (kratw/men th/j o`mologi,aj)** .” (BEA-RA) (Grifo é meu).

À medida que vai aproximando do capítulo 6, a questão da obediência-desobediência vai se tornando mais clara. Duas classes são identificadas: os crentes obedientes que perseveram firmes (e perseverarão até o fim), e os “pseudocrentes” que têm todas as características de um cristão autêntico, menos uma: a fidelidade que gera perseverança e compromisso até o fim.

A partir do capítulo 5.11 a 14 o autor passa a falar da imaturidade espiritual daqueles irmãos que em vez de estarem ingerindo alimento sólido, ainda careciam de leite. Tais crentes estavam ouvindo outra vez acerca de princípios elementares da fé cristã, enquanto deveriam ser mestres (v.12).

Esses “*princípios elementares*” (5.12 e 6.1) estão agrupados em três pares: arrependimento e fé, ensino de batismos e imposição de mãos e, ressurreição de mortos e juízo eterno (v.1 e 2). Havia um assunto mais sério e urgente a ser tratado: a necessidade da perseverança.

O v.3 é de suma importância para a interpretação deste texto, pois ele é o versículo de transição.

Alguns manuscritos trazem a seguinte tradução: “*Façamos assim, se Deus permitir*” (cf. GUTHRIE, 1991, p.132). Donald Guthrie prossegue (cf. GUTHRIE, 1991, p.132):

“Certamente o escritor não duvida que Deus deseja que Seu povo avance na vida espiritual. (...) Já que o escritor passa na seção seguinte a falar da apostasia, talvez esteja pensando nas condições em que Deus permite o progresso. Neste caso, a condição é a acrescentada como lembrança de que

avançar para a maturidade não é mecânico nem automático, mas, sim, envolve levar em conta as condições de Deus”.

A Bíblia na

Linguagem de Hoje traz o v.3 da seguinte forma: “*Vamos em frente! Se Deus quiser, é isso o que vamos fazer*” (BLH, 1994). O que de fato é apoiado pela conjunção “**eva,nper**””. “*A segunda partícula usada com a partícula condicional enfatiza que a ação ocorre a despeito da oposição: ‘se, a despeito da oposição, Deus permitir,’ ‘se, de fato, depois de tudo’*” (RR, p. 505). Conclui-se então, que o autor mesmo sabendo da imaturidade daqueles crentes, continua com o assunto julgando a importância e a seriedade da situação.

Quanto ao

contexto posterior (6. 9 – 20), pode ser visto com clareza que o autor da carta apesar de ver a imaturidade daqueles crentes, não deixa de ver também o esforço deles. Ele menciona o amor que eles “evidenciaram” por Deus (v.10), e incentiva-os a permanecerem firmes: “*Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até o fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade herdaram as promessas*” (BEA-RA).

Em Hb.

10.35-39 pode ser encontrada outra exortação do autor quanto à perseverança (BEA-RA):

“*Não abandoneis (mh. avpoba,lhte), portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança (u`pomoh/j ga.r e;cete crei,an), para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: se retroceder (u`postei,lhtai), nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma*”. (Grifos são meus).

O autor de

Hebreus ressalta a necessidade que o crente tem de perseverança para fazer a vontade de Deus

e assim alcançar a promessa, porque Deus é fiel, e com fé na fidelidade do Senhor o crente deve viver, sem retroceder para a perdição, antes, lutando para a conservação da alma.

1.2.3.3 – Resolvendo o Problema

João Calvino propõe que a palavra principal deste texto, para que seja feita uma boa exegese, é **parapeso,ntaj** que é o Particípio Aoristo Ativo **parapi,ptw**, (*cair, cair para fora, desviar-se*), que foi traduzido como “*caíram*” (cf. CALVINO, 1997, p.150). Mas nenhuma palavra estando no particípio pode ser o centro de uma oração, mesmo porque o particípio sempre está subordinado à idéia principal do texto. Contudo, como já foi apresentado, o texto está tratando do perigo da apostasia, o que muito bem pode ser descrito como uma queda. O assunto principal da carta aos Hebreus é a supremacia de Cristo em tudo, quer no plano físico como no espiritual. E esse assunto é a resposta ao problema da apostasia que rondava a vida dos destinatários dessa carta.

A apostasia referida neste texto não é apenas um deslize que um crente comete, um pecado que o pega desprevenido, como um furto, uma mentira, um pensamento impuro, ou um adultério. A apostasia aqui é aquela em que a pessoa nega absolutamente a Cristo, que se afasta totalmente dos Seus caminhos, que recusa toda oportunidade de arrependimento, e que passa a viver libertinamente negando em seu coração e com suas atitudes a fé que um dia professara.

Mesmo que esta pessoa tenha sido iluminada (**fwtisqe,ntaj**, que aqui significa literalmente, *trazer à luz, revelar*), mesmo que tenha até provado (**geusame,nouj** mostra que houve uma experiência, uma degustação), e até mesmo participado do Espírito Santo (**meto,couj genhqe,ntaj pneu,matoj a`gi,ou**), ainda que não através de uma forma completa, o que não é impossível acontecer, pois existem crentes que são meros participantes

da Igreja e chegam até a experimentar grandes bênçãos, sem, contudo, terem a devida firmeza na Palavra, ficando vulneráveis a uma apostasia.

Quanto a essa possibilidade de uma pessoa ter todo esse “contato” com o Evangelho e mesmo assim não ser um crente genuíno, Paulo Anglada citando João Calvino em suas Institutas, diz (ANGLADA, 1998, p.18):

“(...) que às vezes os réprobos se sentem tocados por um sentimento semelhante ao dos eleitos, de modo que na opinião deles, não diferem muito dos crentes (...) ainda que haja grande semelhança e afinidade entre os eleitos e os que possuem uma fé passageira, sem dúvida, a confiança existe senão nos eleitos”.

É impossível restaurar uma pessoa que apostatou de forma completa da Fé, pois como diz o v.6: “...*estão crucificando para si mesmo o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia*” (BEA-RA), ou seja, estão envergonhando a Jesus o que é sem dúvida alguma “*o pecado imperdoável*”, a saber a blasfêmia contra o Espírito Santo.

João Calvino diz (CALVINO, 1997, p. 151):

“A pessoa que apostata é alguém que renuncia a Palavra de Deus, que extingue sua luz, que se nega a provar o dom celestial e que desiste de participar do Espírito. Ora, isso significa uma total renúncia de Deus. Agora podemos entender quem é excluído da esperança ou do perdão. São os apóstatas que se fizeram estranhos ao evangelho de Cristo, o qual previamente abraçaram, bem como estranhos à graça de Deus. Tal coisa não acontece a qualquer um, exceto àquele que peca contra o Espírito Santo. Aquele que viola a segunda tábua da lei, ou que, por ignorância, transgride a primeira, não é culpado dessa rebelião; e certamente Deus jamais exclui ou priva alguém de sua graça, exceto aquele que se torna totalmente réprobo. Para tal pessoa nada é deixado”.

A

conclusão que este texto mostra é que é impossível restaurar alguém que chegou a esse ponto, pois esse tal mostra através de suas atitudes que nunca foi um eleito de Deus. Dois pontos devem ser ressaltados aqui: **1)** não se pode julgar ninguém que se desviou do

Caminho, pois pode ser que esse tal não cometeu a apostasia definitiva, mas, tão somente, num momento de fraqueza se desviou. Tal pessoa pode ser restaurada por Deus. Como disse Philip Yancey: “*Graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar mais (...) E a graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar menos (...) A graça significa que Deus já nos ama tanto quanto é possível um Deus infinito nos amar*” (YANCEY, 2002, p. 71). Não há pecado tão grave que sem arrependimento e confissão por parte do pecador, não receba o perdão do Senhor. 2) Quando João Calvino mencionou a quebra da segunda tábua da Lei, ou seja, os pecados que o homem comete em relação ao homem, não deve ser entendido que o homem pode ficar à vontade quanto ao zelo pela santidade, pois, quando muito, tais pecados podem afastá-lo apenas por um tempo da presença de Deus, e, depois é só arrepender-se e confessar o pecado que estará tudo bem, diria um pretense crente. Não é bem assim. O crente não deve brincar com o pecado pois, ele cauteriza a mente e o coração, ele gera hipocrisia, e a hipocrisia é irmã gêmea da apostasia.

Este texto portanto, está mostrando que o pecado imperdoável contra o Espírito Santo é rejeitá-Lo. Rejeitando o Espírito Santo, o homem rejeita Àquele que é o único que pode conduzi-lo ao arrependimento e fé. Porém, quando alguém chega a esse ponto, é porque não é um eleito de Deus, pois a um eleito jamais tal calamidade ocorrerá.

Se este texto estivesse falando mesmo que um eleito pode perder a salvação, seria o único texto a fazer tal afirmação. Sabe-se que não se apresenta como doutrina um assunto que não tenha várias referências bíblicas para confirmá-lo. Uma heresia sempre nasce com a interpretação errônea e isolada de um texto. Sendo assim, este texto, inspirado pelo Espírito Santo e preservado de qualquer erro, não se trata da perda da salvação de um eleito, mas, sim, da condenação daqueles que vivem “*expondo Cristo à ignomínia*” através da apostasia total.

Para

finalizar, o apóstata descrito neste texto é com certeza alguém que não foi eleito por Deus para receber a salvação, pois aquele que é um eleito jamais se desviará, o que não quer dizer que ele não estará suscetível a quedas. Mas, se ele cair é bom lembrar-se do que diz o Sl.37.23 e 24: *“O Senhor firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz; se cair, não ficará prostrado, porque o Senhor o segura pela mão”* (BEG-RA), e ainda Hb. 12. 6: *“porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe”* *BEA-RA).

A segurança do crente está em Deus, para O qual ele olha firmemente, perseverando e mostrando através desse comportamento cheio de compromisso e temor que é um eleito de Deus.

CAPÍTULO 2 – A SANTIFICAÇÃO

“O homem que conhece a Deus, mas não conhece sua própria miséria, torna-se orgulhoso. O homem que conhece sua própria miséria, mas não conhece a Deus termina em desespero”

Blaise Pascal (in SOUSA, 1999, p.196).

Quando se estuda a doutrina da Soberania de Deus, especialmente no que diz respeito à Eleição, é comum deparar com alguns comentários infelizes, do tipo “a Predestinação me assegura de que estou salvo não importando a maneira como estou vivendo”.

É triste admitir isso, mas existem muitas pessoas que usam esse argumento para dar vazão aos impulsos carnis, e quando são confrontadas com a questão da Santificação e o propósito dela na vida do crente, justificam suas atitudes pecaminosas alegando servirem a um Deus gracioso que no final de tudo levará em conta somente o sacrifício de Seu Filho para salvá-las da condenação. Há de se concordar que somente o sacrifício de Jesus é o único meio para a salvação dos pecadores eleitos. Contudo, a Santificação está inclusa no processo da salvação não como um fim em si mesma, mas como parte do plano de Deus para a vida dos eleitos.

Todo aquele que crê ser um salvo em Cristo Jesus porque fora predestinado por Ele desde antes da fundação do mundo, deve levar em muita consideração a questão da Santificação de sua própria vida.

2.1 – Salvos Para a Santidade

Quando

Deus escolheu os que haveriam de herdar a vida eterna, o fez com um propósito bem definido: o louvor da Sua glória. Não que Ele tenha atitudes narcisistas e precisa ser louvado. Não! Ele é todo amor e misericórdia, e ao salvar pecadores revela a Sua Graça. Mas para que a Sua glória seja louvada, Ele salvou pecadores os quais devem viver em santidade.

O texto de

Rm. 8. 28 – 30, diz:

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo *o seu propósito*. Portanto aos que de antemão conheceu, também os *predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho*, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. (BEA-RA) (Grifo é meu).

O propósito

de Deus em salvar pecadores, é para que estes, além de receberem a salvação, vivam numa constante transformação de caráter para se parecerem cada vez mais com Seu Santo Filho Jesus Cristo. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, mas com a queda no pecado essa imagem (o caráter) de Deus no homem foi seriamente afetada. Somente a Obra Redentora de Cristo pode restaurar a imagem (caráter) de Deus no homem. Este é o sentido máximo da Redenção.

Samuel

Falcão citando John Wesley em seu *Sermon on the Birth*, diz (FALCÃO, 1989, p. 95):

“Em Adão todos morreram, toda a raça humana, todos os filhos dos homens que estavam nos lombos dele. A consequência natural disto é que todos os descendentes de Adão vêm ao mundo mortos espiritualmente, mortos para Deus, completamente mortos em pecado; inteiramente vazios da vida de Deus; vazios da imagem de Deus, de toda aquela justiça e santidade em que Adão foi criado. Ao invés disso, todo homem que nasce neste mundo traz a imagem do diabo, no orgulho e obstinação; a imagem da besta, em apetites e desejos sensuais. Este é pois o fundamento do novo nascimento: a total corrupção de nossa natureza”.

O eleito

deve lidar com a sua natureza humana, não como algo que é bom. Essa idéia de que o homem é bom e que só é pecador quando peca, em vez de afirmar que o homem peca porque é pecador é muito perigosa. Negar a pecaminosidade latente no ser humano, dizendo que ele ainda tem em si algum sentimento bom, capaz de levá-lo a ser bom, e que não existe essa coisa de *pecado original*”, é uma controvérsia muito antiga. Um dos grandes proponentes dessa idéia foi Pelágio. Suas idéias foram rebatidas fortemente por Agostinho. Earlee Cairns comentando sobre a controvérsia entre Pelágio e Agostinho (CAIRNS, 1990, p. 111):

“Pelágio, pessoa fria e calma, não passara pela luta interior por que passara Agostinho antes de ser salvo. Por isso, Pelágio inclinou-se a dar à vontade humana um papel no processo da salvação. Agostinho, porém, descobriria que a vontade humana era insuficiente para livrá-lo do pântano onde se encontrava por causa do pecado. Para Pelágio todo o homem é criado livre como Adão, tendo portanto, capacidade de escolher entre o bem e o mal. Cada alma é uma criação individual de Deus, não herdando por isto a contaminação do pecado de Adão”.

Pelágio negava o pecado original, pois julgava que com isso o homem tinha uma espécie de “muleta” para se justificar quando pecasse. Só que com isso ele deu margem para a auto-salvação, ou seja, o homem é o seu próprio salvador. Ele cria que através de uma forte disciplina espiritual, o crente teria condições de sufocar seus impulsos carnis e assim fazer o que agradava a Deus. Pelágio tinha uma vida espiritual muito disciplinada, e isso ninguém pode negar. Mas o problema estava no fato dele fazer isso por crer que a sua salvação

dependia tão somente dele através dos seus esforços pessoais. Negar a natureza pecaminosa do homem, implica em negar o sacrifício de Jesus. Isso é demonstração da mais alta insanidade!

O que está em pauta não são aquelas situações em que as pessoas (até mesmo as que não são crentes) dão alguma demonstração de bondade. O que está sendo dito é que até mesmo quando alguém demonstra alguma atitude de bondade, isso não o torna uma pessoa boa. É como um carro que tem ferrugem em sua carcaça; ele pode ser um bom automóvel servindo para transportar as pessoas, gastar pouco combustível, etc, mas, nada disso é suficiente para acabar com a ferrugem que o corrói. A maldade que está impregnada nesta pessoa é o pecado, e foi justamente o pecado que fez com que o homem rompesse a aliança que tinha com Deus; foi justamente o pecado que provocou a condenação do homem, e por conseguinte, o sacrifício de Jesus, pois se foi preciso algo tão poderoso, a saber o sacrifício de Cristo, para cancelar o pecado, é por que nada havia no homem capaz de libertá-lo dessa prisão. Se houvesse alguma coisa boa no homem capaz de cancelar o pecado, Deus a teria usado. Contudo, foi necessário o sacrifício vicário de Jesus para salvar o homem.

Quando o eleito reconhece que é um pecador e que foi totalmente corrompido pelo pecado, passa a ser mais humilde diante de Deus. Não ousa reivindicar nada Dele, mesmo por que não possui nada em suas mãos para efetuar uma troca com Deus. Falar de “*pecado original*”, é tocar no orgulho do homem, pois lhe mostra o que realmente é. Ao confessar sua pecaminosidade o eleito passa a valorizar ainda mais a graça de Deus, pois Ele derramou Seu amor sobre alguém que nunca mereceria. Isso deve provocar no coração do eleito o mais profundo amor por Deus.

Ricardo Barbosa de Sousa falando sobre a natureza humana diz (SOUSA, 1999, p. 185):

“Trata-se de uma natureza que necessita ser transformada dia a dia. A natureza do pecado, que nos torna inimigos de Deus, é a causa natural e lógica dos atos pecaminosos. O mal que praticamos não é simplesmente um erro moral, mas o

rompimento da aliança que Deus fez conosco. Ao vivermos afastados desta aliança, encontramos-nos também afastados da liberdade para a qual Deus nos chamou”.

Essa é a natureza com a qual o crente luta constantemente. É tolice do homem pensar que é bom. Ter “momentos de bondade” não faz o homem merecedor da salvação, e nem tão pouco lhe garante ter o conhecimento de Deus. Lutero disse: *“Essa escravidão universal ao pecado inclui até mesmo aqueles que parecem ser os melhores e mais retos. Não importa o grau de bondade que um homem possa alcançar; isso não é a mesma coisa que possuir o conhecimento de Deus”* (LUTERO, 2001, p. 15). E ainda Samuel Falcão completa: *“Se o melhor de nosso ser e de nossos atos, a saber, nossa justiça, é como trapos da imundícia, que dizer de nossos pecados?”* (FALCÃO, 1989, p. 92).

Citando Jonathan Edwards e a sua concepção de Predestinação e Livre-arbítrio, Norman Geisler diz: *“(1) Livre-arbítrio é fazer o que desejamos; (2) mas Deus nos dá o desejo para fazer o bem. O que dizer do desejo para o mal? Isso vem de nossa natureza caída, que deseja somente o mal. À parte de Deus dando-nos o desejo de fazer o bem, naturalmente desejamos fazer o mal”* (GEISLER, 2001, p. 25). Isso ajuda a compreender a natureza humana.

O eleito está numa guerra constante com a sua natureza pecaminosa, na qual ele não pode se descuidar. R. C. Sproul diz: *“A entrada na vida cristã é o ingresso na guerra cósmica. O caminho da santificação é o caminho da militância”* (SPROUL, 1997a, p. 117). O crente deve estar alerta para essa realidade para que não venha a cair. Contudo, mesmo que por seu descuido venha a cair, deve projetar sua confiança em Deus para se levantar e continuar na militância. John Murray diz (MURRAY, 1993, p. 162):

“É de suma importância para o cristão e para os interesses de sua santificação, que ele saiba que o pecado não tem domínio sobre ele, e que as forças da graça redentiva, regeneradora e santificadora têm sido produzidas para gerar nele aquilo que é central em seu ser moral e espiritual, ou seja, o templo de Deus através do Espírito, e que Cristo foi formado nele como a esperança da glória”.

Mas quando alguém que diz ser um eleito não tem essa preocupação, a saber, uma vida de santidade, é porque ainda não compreendeu qual é o propósito de Deus em sua vida – ser conforme à imagem de seu Filho – ou então, na pior das hipóteses, ainda não teve a experiência da conversão. Mas, se uma pessoa tem consciência da amplitude e maravilha da Obra de Deus em sua vida procurará viver em santidade. Francisco L. Schalkwijk disse: “*Por isso, essa certeza não me leva a um relaxamento na vida diária; ao contrário, leva a um desejo profundo de servir melhor ao Senhor e de nunca entristecer o Espírito Santo (Ef. 4.30)*” (SCHALKWIJK, 2002, p. 41).

O eleito deve buscar constante e ardentemente uma vida de santidade, pois só assim atingirá a maturidade espiritual. Deus chama os escolhidos para viverem em constante crescimento e progresso espiritual, para verem que quanto mais próximos de Deus estiverem através de uma vida de santidade, com maior nitidez verão a podridão de seus pecados. Como disse Philip Yancey: “*Em outras palavras, a prova da maturidade espiritual não é quanto você está ‘puro’, mas, sim, a conscientização de sua impureza. Essa mesma conscientização abre a porta para a graça*” (YANCEY, 2002, p. 208).

A seguir alguns motivos serão estudados para mostrar por que a santificação é fundamental na vida do crente.

2.1.1 – Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor

Essas palavras são encontradas em Hb. 12.14: “*Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor*” (BEA-RA) (Grifo é meu). Mas por que será que a santificação é tão importante assim para que o eleito possa ver a Deus?

O eleito

está diante do Deus Santíssimo. A nossa santidade é derivada da Santidade de Deus. A Santidade Dele é algo inerente à Sua Pessoa; não foi adquirida; sempre esteve ali. Ele é santo no sentido mais elevado que esta palavra pode ter. Sua Santidade é a expressão de um ser que jamais pecou e pecará. Ela é a expressão máxima da perfeição. É impossível para o homem tentar defini-la, mesmo que este seja o melhor dos seres humanos (lembrando que não há um justo sequer). Não há palavras na língua humana que possam definir a Santidade de Deus. Um erudito seria tido por analfabeto se tentasse defini-la com palavras rebuscadas. Por isso é bom recorrer à narrativa bíblica. Somente as Escrituras têm autoridade para fazer tal definição, e mesmo assim, a mente humana compreenderá apenas o que lhe é possível compreender.

Em Ex.

33.17–23, está registrada uma das passagens mais intrigantes sobre a santidade de Deus.

Quando Moisés Lhe pediu para ver a Sua glória:

“Disse o SENHOR a Moisés: Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome. Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. E acrescentou: Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o SENHOR: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá” (BEA-RA).

Se houve

um homem que teve tamanha intimidade com Deus a ponto de achar graça diante Dele, esse foi Moisés; no entanto quando pediu a Deus para permitir-lhe ver Sua glória, somente teve um relampejo desta. A razão porque um mero mortal não pode ver a glória de Deus nesta vida é,

além de tudo, uma expressão da misericórdia de Deus, pois como Ele mesmo disse: “...portanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (Ex. 33.20) (BEA-RA).

Voltando

ao texto de Hb. 12.14, a Santificação é parte importante no processo do Plano da Salvação, pois, sem ela, ninguém verá a Deus. É através de uma vida e santidade que uma pessoa é preparada aos poucos para se encontrar com o Deus Santíssimo, contudo a conclusão da santificação se dará na glorificação no céu. R. C. Sproul diz: “*Na salvação não somos apenas salvos do pecado e da condenação; também somos salvos para a santidade. O alvo da redenção é a santidade*” (SPROUL, 1997 a, p. 115).

Portanto, se

alguém diz ser um eleito e não ama a santidade e a deseja em todos os momentos de sua vida, saiba que não verá a face de Deus, e que quanto à sua eleição está laborando em engano.

O eleito

está em constante tensão entre o querer uma vida de santidade e afastar-se do pecado. O grande problema para o eleito não está em pecar somente, mas, sim, em não desejar uma vida de santidade. O eleito deve almejar sempre uma vida de santidade, pois ela faz parte do processo de sua salvação.

2.1.2 – Confirmando a Salvação

Embora já

tenha sido discorrido em parte esse assunto no ponto anterior, é importante frisar um pouco mais essa realidade. Um eleito confirma através de seus atos numa vida de santidade a sua salvação. Ele não apenas diz que é salvo; ele mostra que é salvo. A confirmação aqui se refere ao testemunho de vida. Se alguém diz que tem a certeza da sua salvação, há de provar isso através de uma vida santificada.

1 a 10, encontra-se uma palavra muito forte que endossa essa verdade, a saber, que através de uma vida de santidade o crente confirma sua salvação e que também é um verdadeiro filho de Deus:

“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, portanto não o conheceu a ele mesmo. Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro. Todo aquele que pratica o pecado também transgreda a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado. Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica a justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão”.

(BEG-RA).

Neste texto fica bem claro que o pecador é salvo para a santidade, e em santidade de vida comprova a sua salvação.

Quando o assunto é Predestinação é comum as pessoas questionarem dizendo: “Será que sou mesmo um predestinado?”, “E se Deus não me predestinou, então estou perdendo meu tempo com esse negócio de santidade?”. É muito importante que esse auto-exame seja feito, pois ele aponta ao eleito o caminho da santidade. A melhor maneira de responder a essa

questão, a saber, se é ou não um predestinado ao céu, é quando se busca uma vida de santidade.

Charles

Spurgeon disse em seu sermão sobre a Eleição o seguinte: “*Há algum de vocês aqui que deseja ser santo, que deseja ser regenerado, que deseja abandonar o pecado e andar em santidade? E alguém poderia responder-me: ‘Sim, eu quero!’ Pois muito bem, nesse caso, Deus escolheu a esse alguém*” (SPURGEON, 1987, p. 16). Deus escolhe alguém para a santidade e é através dela que Ele confirma ao homem a sua eleição.

Mas, há um porém nessa questão: somente depois que a pessoa foi regenerada é que ela pode ter esse desejo pela santidade. Um pecador que ainda não foi convertido ao Senhor Jesus, jamais quererá tal coisa, pois esse desejo faz parte da nova natureza em Cristo. Spurgeon diz: “*Aqueles que foram eleitos, também foram escolhidos para a santificação e para a fé; e, assim sendo, se você tem fé, então você é um dos eleitos de Deus*” (SPURGEON, 1987, p.26). O que está em questão aqui não é o fato de uma pessoa não convertida querer e poder viver uma vida irrepreensível. É claro que até mesmo um não crente pode querer e viver de forma prudente, evitando coisas que um crente evita por saber que são inconvenientes e prejudiciais. O que está em questão aqui é a santidade de vida com o propósito de agradar a Deus demonstrando com isso amor por Ele e o propósito de Deus na salvação do pecador que é restaurar neste o caráter de Cristo, a imagem de Seu Filho (cf. Rm. 8. 28 – 30). Tal objetivo nenhum não crente tem.

Paulo

Anglada citando João Calvino em seu Comentário da Segunda Epístola de Pedro, diz: “*...cada pessoa confirma o seu chamado vivendo uma vida santa e piedosa (...) não pode haver santidade num homem, sem fé, pois a santidade brota da fé*” (ANGLADA, 1998, p.17).

Os textos

de Ef. 1. 4 – 5 e 2.10 deixam bem claro essa verdade:

“assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos *santos e irrepreensíveis perante ele*; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, (...) Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus *para boas obras*, as quais Deus de antemão preparou *para que andássemos nelas*” (BEA-RA) (Grifo é meu).

Não resta

dúvida de que a salvação do pecador é obra exclusiva de Deus através de Jesus e da ação do Espírito Santo. Mas quando esse pecador é salvo por Deus, o é com propósito específico de ser “*santo, irrepreensível e para boas obras*”. Logo se uma pessoa que confessa ser um crente em Jesus, anda de forma relaxada, passível de repreensão não se ocupando com boas obras as quais glorificam a Deus, a conversão desse tal é questionável.

Ao chamar

Seus discípulos de “*sal da terra e luz do mundo*” (Mt. 5. 13 – 16), o Senhor Jesus disse que as obras deles deveriam levar as pessoas a glorificarem a Deus nos céus.

Ivênio dos

Santos afirma (SANTOS, 2000, p. 22):

“Santidade é a única evidência segura de que possuímos a fé salvadora em nosso Senhor Jesus Cristo, e de que, portanto somos filhos de Deus e é a única prova de que amamos sinceramente ao Senhor (...) Santidade é uma vida de vitória sobre o pecado, pela revelação de que estamos crucificados com Cristo, passando o pecado a ser um acidente de percurso e não mais uma norma, pois não tem mais domínio sobre nós”.

O crente

portanto deve viver em santidade de vida para confirmar não somente às pessoas a sua experiência com Deus e, assim, glorificá-Lo perante os homens, como também confirmar a si próprio que faz parte dos eleitos de Deus, pois como disse Spurgeon : “*Nenhum homem tem o*

direito de concluir que pertence ao número dos eleitos, exceto com base em sua própria santidade” (SPURGEON, 1987, p.26). Spurgeon não estava sendo “pelagiano” ao fazer tal afirmação. Ele estava apenas dizendo que uma vida de santidade confirma o chamado de alguém para a salvação. É bom lembrar o que diz O. Palmer Robertson sobre a questão das obras na vida do crente: *“Os cristãos serão julgados de acordo com as suas obras. A Escritura é muito consistente a este respeito. Embora a salvação seja exclusivamente pela fé na obra de Cristo, o julgamento será de acordo com as obras do próprio homem, sejam boas ou más”* (ROBERTSON, 2002, p. 172).

Deus (cf. Ef. 1.4-5 e 2.10), ao eleger os que receberiam a salvação, deixou como caminho a santidade para estes trilhareem. Quem não trilha por este caminho não chegará ao céu. Porém, só trilham este caminho (o da santidade) aqueles que foram escolhidos por Deus. Spurgeon mais uma vez diz: *“Deus escolheu indivíduos para a santidade e para a retidão, e, através disso, para o céu”* (SPURGEON, 1987, p.18).

Por essa razão é totalmente sem nexos alguém afirmar que é um predestinado ao céu se não viver para o que também fora predestinado, a santidade. É o mesmo que um viajante querer embarcar sem o passaporte, pois este é a confirmação de que ele pagou pela viagem. No caso do eleito, quem pagou pelo seu “passaporte” foi Jesus, e o que confirma a sua salvação é uma vida santificada e dirigida pelo Espírito Santo de Deus.

O eleito deve tomar muito cuidado para não estar vivendo uma falsa santidade, a qual se caracteriza por meio de rituais religiosos, com aparência de pureza, mas que, no âmago, não passa de atitudes vazias e sem amor por Deus. Isso é legalismo e ensina o homem a depender mais de seus próprios esforços do que da graça de Deus para vencer o pecado. Tal confiança em si

próprio é muito perigosa. O caminho da santidade passa pela dependência total e exclusiva da graça de Deus.

2.1.3 – Quem Não é Eleito Para a Salvação, Jamais Alcançará a Santidade

Se uma pessoa foi escolhida por Deus para a salvação e para uma vida de santidade, então o oposto pode ser afirmado: uma pessoa jamais conseguirá viver a verdadeira santidade se não for um eleito para a salvação.

Embora não se encontre nenhum texto bíblico que afirme explicitamente que quem não é um eleito para a salvação não viverá em santidade, por inferência pode se ver essa verdade em alguns textos, tais como:

- 1Co. 1. 2: “à igreja de Deus que está em Corinto, aos **santificados** em Cristo Jesus, **chamados para ser santos**, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”(BEG-RA) (Grifo é meu).

- 1Pe. 1.2: “**eleitos**, segundo a presciência de Deus Pai, **em santificação do Espírito**, para a **obediência** e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz sejam multiplicadas” (BEG-RA) (Grifo é meu).

Em nota explicativa a Bíblia de Estudo de Genebra comentando “**em santificação do Espírito**” afirma (BEG-RA, p. 1494):

“Observe a ligação íntima entre o amor eletivo do Pai e a obra do Espírito de aplicar a redenção ao eleitos (2Ts. 2.13). Essa ‘santificação’ inclui todas as operações do Espírito de retirar pecadores do pecado (incluindo a regeneração e a fé) e purificá-los para o serviço de Deus (santificação no seu sentido progressivo).”

O que estes textos estão mostrando é que quando Deus elegeu os que haveriam de herdar a salvação eterna, também os dotou com a santidade de vida. Logo, quem não foi escolhido para ser salvo, não viverá a verdadeira santidade, pois esta é somente para os eleitos, os quais foram chamados por Deus com um propósito bem definido: serem conformes Seu Filho (cf. Rm.8.29).

Martinho

Lutero respondendo a Erasmo que era um pelagiano, afirmou: *“A natureza humana é tão má, que mesmo as pessoas que são dotadas do Espírito Santo de Deus, não somente falharam em fazer o que é direito, como até mesmo lutam contra isso. Portanto, que possibilidade há de que aqueles que são destituídos do novo nascimento venham a praticar o bem?”* (LUTERO, 2001, p.32).

É

impossível que uma pessoa que não tenha passado pela experiência da regeneração e conversão consiga viver em santidade. A menos que se concorde com Pelágio que não cria no pecado original (e por inferência na total depravação do homem), é impossível o pecador atingir algo que está fora da sua realidade, mesmo que tal coisa lhe tenha chamado a atenção. Somente quando Deus toca o coração do homem dando-lhe a Vida em Cristo e o transforma de criatura em um filho Seu, é que este terá condições de querer e viver em santidade de vida.

Não é

nenhum absurdo e nem mesmo contrário à Palavra afirmar que um não eleito jamais conseguirá viver em santidade. Não faz nenhum sentido Deus dar algo que tem como objetivo conduzir em triunfo ao céu uma pessoa, se esta mesma pessoa não foi escolhida para entrar no céu. Seria o mesmo que dar a um cadáver que está se deteriorando numa cova, um tesouro

incalculável. De que lhe serviria tal riqueza? Mas, se o mesmo cadáver for ressuscitado, aí sim tal tesouro lhe será muito proveitoso. Deus não desperdiça Seus dons.

2.2 – Santidade Alcançada pela Graça

Algo que está sendo afirmado desde o início deste trabalho é que tudo é pela Graça de Deus. Foi Ele quem deu o primeiro passo em direção ao homem, e será Ele quem dará o último (Fp. 1.6). Ele escolheu na eternidade, efetuou a salvação através de Jesus, chamou a cada um no devido tempo, e fortalece cada coração com a Sua bendita Graça. Como disse Francisco Leonardo Schalkwijk citando Jonathan Edwards: “*Graça é somente a glória iniciada e glória é somente a graça aperfeiçoada*” (SCHALKWIJK, 2002, p. 43).

Mas, como a Graça de Deus é aplicada ao coração do eleito?

2.2.1 – O Eleito é Santificado pelo Espírito Santo

Louis Berkhof falando sobre a santificação na vida do crente diz (BERKHOF, 1985, p.240):

“A santificação é uma operação sobrenatural de Deus. Alguns pensam erradamente que a santificação consiste meramente no processo de expandir a nova vida implantada na regeneração por apresentar motivos à vontade, persuadindo assim o homem a crescer em santidade. *Na realidade é uma operação divina na alma* pela qual a disposição santa implantada na regeneração é fortalecida, e a prática das coisas santas é aumentada. *É essencialmente obra de Deus*, em parte imediata, e em parte mediata. Na medida em que Deus usa meios espera-se que o homem coopere com ele pelo uso próprio dos meios à sua disposição (1Ts. 5.23; Hb. 13. 20, 21; 2Co. 7.1; Hb. 12.14)”. (Grifo é meu).

John

Murray afirma essa mesma verdade quando diz: *“É o Espírito Santo quem efetua esta mudança. Ele a efetua em virtude de ser ele a fonte dela. Ele a efetua pelo exemplo da geração. E visto que a efetua desta maneira, ele é o seu único autor e agente ativo”* (MURRAY, 1993, p. 111). E ainda: *“A santificação não é o primeiro passo na aplicação da redenção; ela pressupõe outros passos, tais como vocação eficaz, regeneração, justificação e adoção. Todos estes produzem intimamente a santificação (...) A santificação é especialmente a obra do Espírito Santo que habita e dirige”*. (MURRAY, 1993, p. 157).

A santificação é obra de Deus em nós. É ele quem a inicia, capacita em sua continuidade, e a levará à conclusão. Com isso, não há de se negar a participação do homem neste processo. Já foi trabalhado isso no capítulo anterior quando foi falado sobre a Perseverança dos santos.

Citando

Agostinho, Norman Geisler diz (GEISLER, 2001, P. 189):

“Devemos nos lembrar que aquele ele diz: ‘Criem um novo coração e um novo espírito’, também promete: ‘Eu lhes darei um novo coração e um espírito novo porei dentro de vocês’. Como é, então, que aquele que diz ‘criem’, também diz: ‘Eu lhes darei’? Por que ele ordena se é ele quem dá? Por que ele dá se diz que as pessoas criem, a não ser que ele dê aquilo que ele próprio ordena, quando ajuda a obedecer aquele a quem ordena?”

Confiar

totalmente no Senhor não diz respeito somente crer em Seu poder para salvar o pecador; é preciso crer que Ele é não somente o autor da salvação como também o agente da santificação no coração humano.

Somente

através de uma vida plenamente confiante no poder do Espírito Santo é que o crente conseguirá caminhar em santidade.

sobre a santificação aplicada pelo Espírito Santo no coração do eleito a Bíblia de Estudo de Genebra diz (BEG-RA, p. 1352):

“De acordo com o *Breve Catecismo de Westminster* (p.35), a santificação é ‘obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão’. É uma mudança contínua operada por Deus em nós, livrando-nos dos hábitos pecaminosos e formando em nós afeições, disposições e virtudes semelhantes às de Cristo”.

O eleito não deve pensar (deve até mesmo lutar contra esse pensamento) que se a obra é de Deus, não lhe é necessário se esforçar para viver em santidade pois o Senhor a concluirá de qualquer forma. Deve sim, sempre levar em grande consideração que na luta contra o pecado ele tem um grande aliado que é o Espírito Santo. Contudo, o eleito só pode vencer essa guerra se confiar tão somente nas armas, nas estratégias e na força do Espírito Santo.

Alguns

textos que confirmam essa verdade.

- Rm. 8. 14: “*Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*”. (BEG-RA).

- 2Co. 1.21 e 22: “*Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração*”.(BEG-RA).

- Gl. 4.6: “*E porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!*”.(BEG-RA).

- Ef. 1. 13: “*em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa*”. (BEG-RA).

É muito importante que isso fique bem claro no coração do eleito para que em momento algum ele tente se “auto-santificar”, mas que, em vez disso, sempre viva numa total dependência do Espírito Santo para viver em santidade. O eleito deve constantemente vasculhar seu coração para que não venha a praticar uma pseudo-santidade baseada nos seus esforços meramente.

2.2.2 – Dois Aspectos da Santificação na Vida do Eleito

A

Santificação passa por um processo. Como já foi dito no início deste capítulo, Deus não santifica de uma só vez o pecador por misericórdia, pois este jamais suportaria tanta glória de uma só vez.

O processo

pelo qual passa a Santificação envolve dois aspectos:

2.2.2.1 – A Mortificação da Velha Natureza

A natureza

humana foi totalmente corrompida pelo pecado. Quando acontece a conversão a Cristo, essa natureza humana não é transformada de uma só vez, mas, sim, gradativamente. A Bíblia chama isso de *“mortificação das obras da carne ou do velho homem, ou ainda, da velha natureza”*.

Em Rm. 6.6

está escrito: *“sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos”* (BEA-RA). E em Cl. 3.5, diz: *“Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria”* (NVI).

A Bíblia

trata a questão como um ato de mortificar, o que significa tirar tudo aquilo que possa de alguma forma dar forças à nossa natureza pecaminosa. Pode-se dizer que em se tratando de *“batalha espiritual”* a mais difícil está em combater a própria natureza pecaminosa. É dela que o inimigo na maioria das vezes se vale para derrubar o eleito. A velha natureza é o meio mais eficaz que ele tem para enfraquecer o eleito na fé.

Martinho

Lutero disse: *“A natureza humana é tão má, que mesmo as pessoas que são dotadas do Espírito Santo de Deus, não somente falharam em fazer o que é direito, como até mesmo lutam contra isso. Portanto, que possibilidade há de que aqueles que são destituídos do novo nascimento venham a praticar o bem?”* (LUTERO, 2001, p.32).

A

Regeneração é o processo pelo qual Deus *“ressuscita”* o homem de seu estado de morte espiritual. A Santificação é o meio pelo qual Deus sustenta o coração do eleito para mantê-lo *“vivo”* espiritualmente.

O eleito

também participa neste processo buscando uma vida de obediência a Deus e à Sua Palavra, e é este o outro aspecto da Santificação na vida do crente:

2.2.2.2 - A Vivificação da Nova Natureza

Assim que

Cristo regenera o coração do homem dá-lhe uma nova natureza. Essa natureza espiritual que é fruto da ação do Espírito Santo no coração do homem, é a santa disposição para buscar as coisas de Deus e fazer Sua vontade. Ela é o novo curso de vida dado ao homem.

Falcão diz (FALCÃO, 1989, p.176):

“E quando Deus cria o homem novamente, para a nova vida, faz que ele deseje o bem, sem constranger sua natureza, porém dando-lhe realmente uma nova natureza com novos impulsos e desejos. É a esta experiência que Pedro se refere quando diz ‘Pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis **co-participantes da natureza divina**, livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo’ 2Pe. 1.3,4 (...) Ora, pela regeneração, Deus imprime nova tendência à natureza do homem e, por conseguinte, à vontade dele, de sorte que quando o crente peca, por causa da fraqueza da carne, peca contra a vontade, e na realidade não precisa sujeitar-se mais ao pecado, se vive na nova esfera da vida espiritual”.

Jesus chamou essa experiência de “**novo nascimento**”, quando conversava com Nicodemos (Jo. 3.3, 5 e 6): “*A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (...) Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus (...) O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito*” (BEG-RA).

Paulo por

sua vez, chama essa experiência de “**novidade de vida**”, em Rm. 6. 4 e 5 (BEA-RA):

“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós **em novidade de vida**. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição” (Grifo é meu).

Também Paulo diz que essa experiência é “*viver para Deus*” (Gl. 2. 19): “*Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo*” (BEA-RA).

Novo

nascimento, novidade de vida e viver para Deus, são diferentes nomes de uma mesma realidade e expressam o deixar a velha vida, o antigo comportamento. A nova natureza que Cristo promove no coração do homem o impulsiona a viver de acordo com a vontade de Deus. Dessa forma o Espírito Santo que já atuou no coração do eleito regenerando-o, agora trabalha nele despertando e conduzindo-o a fazer o que dele Deus espera.

2.3 – Pondo em Prática a Santificação

Nos tempos

atuais há uma aversão àquilo que leva o nome de doutrina e teologia. As pessoas costumam dizer que as doutrinas são meramente invenções dos teólogos que na prática não funcionam. Tudo isso tem contribuído para que esta presente geração (mais do que as anteriores) seja uma geração raquítica espiritualmente, fraca em teologia, desesperada por movimentos e manias teológicas sem um verdadeiro fundamento na Palavra.

Poderiam

ser mencionadas várias doutrinas bíblicas que são distorcidas ou o que é pior, desprezadas justamente pelo fato das pessoas não terem uma compreensão correta. É uma ortodoxia⁵ distorcida (que paradoxo!) que leva a uma ortopraxia⁶ comprometida com erros (outro paradoxo!). Contudo, o assunto em foco é a santificação, e somente ela será analisada aqui.

⁵ Ortodoxia: binômio grego **ovrqo,j** *reto, direito* **doke,w** *pensar, crer, supor, considerar*; significa então a verdadeira fé ou fé sadia e correta.

⁶ Ortopraxia: binômio grego **ovrqo,j** *reto, direito* **pra/xij** *atividade, função, ato, ação*; significa então a prática correta de uma doutrina correta.

2.3.1 – Os Efeitos da Santificação na Vida do Eleito

A ortodoxia

leva à ortopraxia; um conhecimento correto das Escrituras leva a uma prática autêntica e sadia da fé.

É comum

encontrar pessoas que não compreendem o que é viver em santidade. Para muitos, santidade é algo para ser vivido somente pela classe dos pastores e líderes religiosos, os chamados “ungidos do Senhor”. Outros tantos, chegam ao outro extremo, tornando-se os fariseus do século XXI. Para estes, “*não pode*” é a palavra principal. Vivem numa escravidão religiosa, negando a si mesmos coisas que além de lícitas, são convenientes. Causam aquela impressão de que ser crente é ser uma pessoa sisuda e com o semblante fechado. Com esse tipo de atitude, tais pessoas criam uma atmosfera de santidade que é completamente contrária à que a Bíblia nos ensina. Ela repele os pecadores juntamente com seus pecados, cria barreiras para que a evangelização seja feita atrapalhando também o bom testemunho. E, além disso, cria no coração daqueles irmãos que são menos desenvolvidos na fé, um sentimento de inferioridade e decepção, pois sentem que jamais chegarão a esse estágio da vida espiritual e nunca terão essa experiência.

Os efeitos

da verdadeira santidade na vida do crente repelem sim o pecado, mas atraem o pecador que está cansado e desesperado com esse mundo. A verdadeira santidade na vida de um crente mostra que a felicidade e a paz verdadeira está na pessoa de Jesus. O crente, embora não se agradando do pecado, deve ser agradável e um promotor da paz do Senhor. Francisco Leonardo Schalkwijk diz: “*É esse o grande alvo da santificação, do trabalho do Espírito Santo: talhar os traços do Filho de Deus em nossa vida. Não que todos se tornem idênticos,*

como se fossem clones, simples réplicas feitas a partir do molde celestial, mas que cada indivíduo, santificado (Ef. 1.4), continue singular como é” (SCHALKWIJK, 2002, p.68).

2.3.1.1 - Demonstrar o Amor por Deus Pelo que Ele é, e Gratidão Pelo que Ele Fez

Muitos

procuram uma forma piedosa de vida na expectativa de conseguirem a purificação da alma e a salvação eterna. Um exemplo claro disso foi Martinho Lutero antes de sua conversão. Os livros de história da Igreja que relatam a vida do grande reformador do século XVI, mostram que ele era uma pessoa que ansiava com todas as forças do seu coração a paz com Deus. Lutero vivia num constante desespero, pois não sabia o que era ter paz com Deus. Sua rotina de penitência era muito mais rigorosa do que a dos outros monges. R.C. Sproul relata que Lutero era um monge desesperado por fazer as pazes com Deus, e que enquanto seus colegas de monastério passavam lá de vez em quando pelo confessionário, Lutero passava horas a fio ali buscando o perdão de Deus. Chegaram a pensar que ele era um “folgazão” que fugia das tarefas e dos estudos ou então que fosse desequilibrado mental e emocionalmente. Um dia, já aborrecido com Lutero, o seu mentor, Staupitz ficou furioso e repreendeu-o (SPROUL, 1997 b, p.96):

“Olha, disse ele, se você espera que Cristo o perdoe, venha com algum erro que realmente necessite de perdão – parricídio, blasfêmia, adultério – em vez desses pecadinhos (...) Homem, Deus não está zangado com você. É você que está zangado com ele. Não sabe que Deus ordena que tenha esperança?”.

Assim

como Lutero antes de ter um encontro verdadeiro com o Senhor, existem muitos crentes que vivem numa paranóia espiritual, fazendo de tudo para conseguir por suas próprias forças, aquilo que somente o Espírito Santo é capaz de fazer – santificar seus corações.

Em sua

busca da pessoa de Deus, o eleito não deve ser movido por nenhum outro sentimento que não

seja o amor. O que deve levar o eleito a buscar uma vida de santidade e pureza, não deve ser o medo da condenação, nem mesmo do de ser castigado por Deus neste mundo. O único sentimento que deve mover o coração do crente em direção ao Senhor Deus deve ser o amor para o qual ele foi capacitado. R.C. Sproul citando Lutero disse: *“Devemos temer a Deus não com temor servil, como um prisioneiro diante de seu torturador, mas como crianças que não desejam desagradar ao Pai amado”* (SPROUL, 1997 b, p.165).

O fato de causar prazer ao coração de Deus quando Ele vê Seus filhos buscando uma vida de santidade é demonstração de amor por Ele. Essa santidade aproxima Dele o eleito o qual queda-se aos Seus pés com amor e humildade, rendendo-Lhe a mais sincera adoração por saber que foi somente pela graça do Senhor que os céus lhe foram abertos e que desde já, pode desfrutar das maravilhas que resultam dessa comunhão.

O eleito tem como seu maior exemplo o Senhor Jesus que Se submeteu à vontade do Pai por amor a Ele. Em tudo Cristo buscou glorificar o Pai porque O amava. E com esse amor no coração o eleito descansa no Senhor, pois se faz o que é certo, recebe do Senhor a aprovação, e quando erra, se arrependido confessar o pecado (arrependimento e confissão também são provas de amor!), sentirá sua alma envolta pelo amor de Deus. Lutero expressou isso quando disse: *“E não somente isso, mas também alegro-me por saber que, como um cristão, agrado a Deus, não por causa daquilo que faço, mas por causa de sua graça. Se trabalho muito pouco ou errado demais, graciosamente Ele me perdoará e me fará melhorar. Essa é a glória de todo cristão”* (LUTERO, 2001, p.33).

Um grande erro é cumprir os mandamentos do Senhor por medo. É tão sério quanto não os cumprir. Eles

devem ser a expressão do nosso amor por Ele. Ricardo Barbosa de Sousa diz (SOUSA, 1999, p.79 e 87).:

“Deus nos ama e nos amará sempre, independente da nossa resposta a este amor. Os mandamentos não são exigências do amor de Deus, mas nossa resposta igualmente incondicional ao seu amor (...) Muitas vezes nossa espiritualidade é assim. Somos fiéis, ortodoxos, zelosos trabalhadores, assíduos, comprometidos, mas não expressamos os ternos afetos de amor e intimidade para com Deus. Temos o conhecimento, a experiência, mas perdemos o amor”

John

Murray diz (MURRAY, 1993, p. 161):

“A presença do pecado no crente envolve conflito em seu coração e vida. Se há resquícios e há insistência do pecado, deve permanecer o conflito de que Paulo fala em Rm. 7. 14-25. É uma futilidade argüir que este conflito não é normal. Se ainda resta em qualquer grau pecado naquele que é habitado pelo Espírito Santo, então haverá tensões, sim, contradição no coração dessa pessoa. Deveras, quanto mais santificada é a pessoa, quanto mais conformada à imagem de seu Salvador ela é, muito mais deve ela retroceder contra toda falta de conformidade com a santidade de Deus. *Quanto mais profunda é a sua percepção da majestade de Deus, maior será a intensidade de seu amor a Deus*; quanto maior a sua persistência na busca de alcançar o prêmio da sublime vocação de Deus em Cristo, maior será a sua consciência da seriedade do pecado que permanece nela, e mais penetrante será sua repugnância por ele”. (Grifo é meu).

Outro

sentimento que deve estar sempre presente na vida do crente é a gratidão a Deus pelo Seu amor revelado aos pecadores. Uma vida de santidade deve expressar essa gratidão ao Senhor, pois Ele conquistou para o homem o que lhe era incontestável e estava totalmente fora do seu alcance.

Portanto, ao

eleito de Deus, o amor e a gratidão lhe devem ser marcas profundas servindo de testemunho às outras pessoas. E é justamente esse o outro efeito da santificação na vida do eleito.

2.3.1.2 – Demonstrar o Poder de Deus na Transformação do Pecador

Outro efeito importante da Santificação na vida do eleito é o bom testemunho oriundo dela. Quando um eleito vive de forma santa aos olhos do Senhor, sem hipocrisia, numa atitude de profundo amor e respeito, vem a ser um vaso de honra nas mãos do Senhor.

O Senhor Jesus disse aos Seus discípulos que eles eram o sal da terra e a luz do mundo. Com isso Ele se referia ao bom testemunho que deveriam dar. Em Mt. 5. 16 Ele disse: *“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”* (BEG-RA).

As boas obras (o bom testemunho) do crente servem como instrumento nas mãos do Senhor para glorificá-Lo diante dos homens. A vida do eleito é para a glória de Deus. Uma vida de santidade e pureza mostra ao mundo não somente a glória de Deus como também o Seu imenso poder que é capaz de transformar um pecador num vaso para Sua honra e glória.

A pós-modernidade tem como característica o isolamento das pessoas. Cada vez mais o homem vive fechado em seu mundo, onde a ordem é: cada um cuide de si próprio e não interfira na vida alheia. Aos poucos essa filosofia maligna tem entrado na Igreja levando muitos crentes a não se importarem com o que as pessoas possam ver neles. Esse comportamento é extremamente pernicioso para o testemunho cristão. Nunca o Evangelho foi tão amplamente difundido como nestes últimos tempos; também nunca se viu uma época como essa em que existe tanto “sal insípido”, crentes sem vida com Deus, despreocupados com a santidade e pureza. O resultado disso é que cada vez mais o Evangelho passa a ter menos influência positiva no mundo.

Como disse Philip Yancey citando Dwight L. Moody: *“De cem homens, um lerá a Bíblia; noventa e nove lerão o cristão”* (YANCEY, 2002, p.275). Por isso, se o eleito quer cumprir o seu papel como tal e ser luz nas trevas, precisa atentar para a necessidade de uma vida em santificação.

Não há argumento algum na doutrina da Eleição que venha endossar um comportamento que não expresse pureza e santidade de vida. Se alguém afirma ser um eleito de Deus pressupondo não ser importante uma vida de santidade, tal pessoa está enganando a si própria, e brincando com a Santidade de um Deus que é Santíssimo e não tomará por inocente tal zombador.

As palavras de Paulo são uma séria advertência, Gl. 6.7: *“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”* (BEG-RA). Não levar a sério uma vida de santidade e ainda por cima afirmar que é um eleito, isso é zombar de Deus!

Assim como é impossível ser santo sem ser um eleito, é impossível ser um eleito e não viver zelosamente uma vida de santidade, pureza e piedade diante de Deus.

CAPÍTULO 3 – A EVANGELIZAÇÃO

“Ele não nos escolheu porque dávamos frutos, mas para que déssemos frutos”
(FALCÃO, 1989, p. 125).

Falando sobre a doutrina da Eleição é comum (ainda que lastimável) ouvir das duas partes (os que crêem e os que não crêem) afirmações que esboçam um entendimento tão desprovido de amor, que dá margem para questionar o comportamento de tais pessoas.

No caso

daqueles que não crêem em tal doutrina, é comum a seguinte afirmação: *“Se existe a Eleição como pregam os calvinistas, não há necessidade de evangelizar as pessoas, pois os eleitos já estão salvos, e de uma forma ou de outra, virão a crer”*. E do outro lado, os que confessam crer nesta doutrina, mas que não demonstram preocupação com a pregação do Evangelho, antes vivendo alheios à vontade do Senhor, dizendo: *“Os eleitos serão salvos. Deus não deixará nenhum deles para traz. Mais cedo ou mais tarde virão. Não precisamos ficar preocupados com a pregação. Deus fará tudo para que ela aconteça”*. Há de se concordar com essa segunda afirmação, pois ela é verdadeira e é bíblica; é Deus quem planeja, executa e finaliza a salvação dos eleitos. Não há nada de errado com essa afirmação. Porém, o que deve ser questionado, não é o conteúdo da mesma, mas, sua motivação. Se uma pessoa assim afirma visando glorificar a Deus e atribuir-Lhe toda a glória na salvação dos pecadores, um sonoro “amém” deve ser pronunciado. Mas, se o que leva uma pessoa a fazer tal afirmação for displicência e omissão para com a vontade do Senhor, tal pessoa deve ser repreendida. Tal confissão longe de ser uma expressão da sã doutrina, é a demonstração da mais terrível negligência e desvio teológico.

Falando

sobre a atitude daqueles que crêem na Eleição e os que não crêem, J.I.Packer diz (PACKER, 2002, p.86):

“Satanás, é claro, fará de tudo para impedir a evangelização e dividir os cristãos; assim, ele tenta o primeiro grupo a tornarem-se inibidos e cínicos em relação a todos os esforços evangelísticos atuais, e o segundo grupo a perder a cabeça e tornar-se aterrorizado e alarmista, *e ambos a tornarem-se justos a seus próprios olhos, desagradáveis e presunçosos, como criticam uns aos outros*. Ambos os grupos, ao que parece, têm urgente necessidade de se tornarem vigilantes contra as astúcias do diabo”. (Grifo é meu).

Ambos

devem analisar seus corações para descobrirem com que motivações estão pregando o Evangelho, ou deixando de o fazer.

Será que

crer nesta preciosa doutrina bíblica conduz mesmo ao descaso para com a responsabilidade que pesa sobre os ombros do eleito como querem alguns? Será que os que se apóiam nesta doutrina para se “justificarem” quanto à falta de preocupação com a tarefa missionária da Igreja têm mesmo razão? A Igreja tem realmente entendido o que significa evangelizar? Tem feito de forma efetiva sua missão? Com quais interesses a pregação tem sido realizada? Como a Igreja tem conciliado a soberania de Deus e a responsabilidade humana na evangelização? Essa é a proposta desse presente capítulo: tentar responder a essas questões.

3.1 – Conceito Bíblico-Teológico de Evangelização

Antes de

mostrar que a doutrina da Eleição não somente está intimamente relacionada com a Evangelização, mas também a torna indispensável, é bom que se faça uma definição de Evangelização.

3.1.1 – O Conceito Bíblico de Evangelização

Nos

tempos antigos, quando nascia o filho do rei, um arauto ficava encarregado de sair pelas ruas do reino anunciando o nascimento da criança. Aquele arauto era o portador de uma boa notícia, pois significava que o reinado teria continuidade. O arauto era o proclamador (do grego **kh/ruxukoj**), e anunciava as boas novas (do grego **euvagge,lion**).

Os

escritores do Novo Testamento usaram esse recurso para falar de Jesus.

- Lc. 1.19: *Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te boas-novas (euvaggeli,sasqai,)*” (BEG-RA) (Grifo é meu).

- Lc. 2.10: *“O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova (euvaggeli,zomai) de grande alegria, que o será para todo o povo”* (BEG-RA) (Grifo é meu).

Os

seguintes textos trazem o verbo **euvaggeli,zw** (trazer ou anunciar boas-novas) como sendo a atividade da Igreja em comunicar o Evangelho de Cristo.

- Rm. 15.20: *“esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho (euvaggeli,zesqai), não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio”* (BEA-RA) (Grifo é meu).

- Lc. 16.16: *“A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho (euvaggeli,zetai) do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele”* (BEA-RA) (Grifo é meu).

- At. 13.32: *“Nós vos anunciamos o evangelho (euvaggelizo,meqa) da promessa feita a nossos pais”* (BEA-RA) (Grifo é meu).

Portanto quando alguém evangeliza, está sendo um arauto de Jesus, anunciando ao mundo as boas-novas de salvação em Jesus.

No Novo

Testamento **euvaggelion** sempre se refere à mensagem de Cristo, confiada aos apóstolos.

As seguintes classificações aparecem no Novo Testamento (cf. DAVIS, 1990, p. 203):

- **Evangelho de Deus:**

- Rm. 1.1: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus (**euvagge,lion qeou/**)” (BEA-RA).

- 1Ts. 2.9: “Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus (**euvagge,lion tou/ qeou/**)” (BEA-RA).

- 1Tm 1.11: “segundo o evangelho da glória do Deus bendito (**o. euvagge,lion th/j do,xhj tou/ makari,ou qeou/**), do qual fui encarregado”. (BEA-RA).

- **Evangelho de Cristo:**

- Mc.1.1: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo (**euvaggeli,ou Vlhsou/ Cristou/**), Filho de Deus” (BEA-RA)

- Rm. 1.16: “Pois não me envergonho do evangelho (**euvagge,lion**), porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (BEA-RA).

- Rm. 15.19: “por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo (**euvagge,lion tou/ Cristou/**)” (BEA-RA).

- 1Co.9.12: “Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida? Entretanto, não usamos desse direito; antes suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo (**tw/| euvaggeli,w| tou/ Cristou/**)” (BEA-RA).

- Gl. 1.7: “o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo (**euvagge,lion tou/ Cristou/**)” (BEA-RA).

- **Evangelho da Graça de Deus:**

- At. 20.24: “Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus (**to. euvagge,lion th/j ca,ritoj tou/ qeou/**)” (BEA-RA).

- **Evangelho da Paz:**

- Ef. 6.15: “*Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz (tou/ euvaggeli,ou th/j eivrh,nhj)*” (BEA-RA).

- **Evangelho da vossa salvação:**

- Ef. 1.13: “*em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação (to. euvagge,lion th/j swthri,aj), tendo nele também crido, fostes selados com o*

Santo Espírito da promessa” (BEA-RA).

- **Glorioso evangelho:**

- 2Co.4.4: “*nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo (tou/ euvaggeli,ou th/j do,xhj tou/ Cristou/), o qual é a imagem de Deus*” (BEA-RA).

Todas

essas designações mostram a origem, a sublimidade e o propósito do Evangelho. Sua origem é Divina e por esta razão é sublime; seu propósito é a glória de Deus na salvação dos pecadores.

J.I.Packer

diz: “*De acordo com o Novo Testamento, evangelizar significa simplesmente pregar o evangelho, as boas novas*” (PACKER, 2002, p. 36). Portanto, quando o eleito evangeliza, pode-se dizer em primeira instância, que ele está anunciando ao mundo a mais poderosa notícia, que é um “divisor de águas”, pois ao mesmo tempo mostra a salvação de uns e a condenação de outros. Tal mensagem deve ser encarada com a máxima seriedade e zelo.

3.1.2 – O Conceito Teológico de Evangelização

À luz da

Teologia Reformada, evangelizar é transmitir a mensagem de Cristo, destacando sempre a

Soberania de Deus da qual dependem todas as outras doutrinas bíblicas. Crer na Soberania de Deus é fundamental para uma evangelização eficaz. O assunto será abordado com mais precisão nos próximos tópicos.

Júlio

Andrade Ferreira diz (FERREIRA, 1980, p.322):

“Tem-se dito que a base da Missão está na própria natureza do Deus da Bíblia e na sua ação. Forsyth, teólogo inglês, foi quem frisou, de modo marcante, o fato de um Deus que age e fala, como fundamento da missão da igreja. Ele disse: ‘o primeiro missionário foi Deus, o Pai, que enviou seu Filho em forma de carne perecível. O segundo missionário foi o Filho, o apóstolo que trouxe as boas novas, que hoje nos faz viver o verdadeiro primado dos apóstolos, daqueles que Ele enviou do seio do Pai, para anunciá-lo; aquele que se exilou e se esvaziou a si mesmo, nesta terra estrangeira, e se humilhou até à morte de cruz. E o terceiro missionário é o Espírito Santo, a quem o Salvador envia para todo o mundo. O que vem poderosa e suavemente ordenando todas as coisas e submetendo todas as nações à obediência e Reino de Cristo. E o quarto missionário é a Igreja’”.

A obra de Evangelização da Igreja tem como fundamento a própria Trindade; evangelizar é proclamar o que o Deus Triúno fez pelo homem pecador.

3.1.2.1 – Um Impasse a Ser Resolvido

Quando se fala do conceito teológico reformado (não só com respeito à evangelização), é comum que certos ataques sejam desferidos contra os chamados “calvinistas”. Estes são acusados muitas vezes de serem frios quanto à evangelização, e acomodados diante de Deus. Concordamos que existem muitos que se denominam “calvinistas”, mas que nunca tiveram a visão missionária que João Calvino teve.

Antônio

Carlos Barro falando sobre a visão missionária de Calvino e seus ideais para com a Universidade de Genebra disse (BARRO, 1998, p.44):

“A Idéia de Calvino era de que, quando propriamente treinados, os estudantes poderiam voltar a seus próprios países e espalhar o evangelho como missionários. Nesse sentido, ele procurou tornar Genebra um centro missionário para espalhar a Reforma e os seus ensinamentos por toda a Europa e outras partes do mundo”.

É

lamentável a postura de alguns quanto ao assunto, como é o caso de Norman Geisler que faz uma dura crítica àqueles a quem chama de *“hiper-calvinistas”*, dizendo que o *“calvinismo extremado”*⁷ destes, mina a motivação para a evangelização (GEISLER, 2001, p.155):

“Muitos anos atrás, um jovem foi ao seu mentor espiritual e o informou que gostaria de ser um missionário aos pagãos. Seu conselheiro hiper-calvinista lhe disse que, se Deus quisesse salvar o mundo, poderia fazê-lo sem ele. Felizmente, o jovem não deu ouvidos ao conselho do seu mentor. Seu nome era Willian Carey, famoso missionário na Índia. Somente Deus sabe com certeza quantos outros calvinistas extremados sentem o mesmo. O fato é que, se o pensamento deles é correto, não precisamos ficar cheios de expectativa a respeito do trabalho missionário, por diversas razões. A primeira é que Deus não ama o mundo todo num sentido redentor, mas somente aos eleitos. Em segundo lugar, Cristo morreu somente pelos eleitos, não pelo mundo todo. Em terceiro lugar, ninguém tem fé para ser salvo a menos que Deus conceda essa fé. Em quarto lugar, Deus deseja dar fé somente a uns poucos selecionados, os escolhidos que não podem ser substituídos. Em quinto lugar, quando o poder de Deus opera no coração dos incrédulos que ele quer salvar, não há absolutamente nada que possam fazer para recusá-lo. O poder de Deus é irresistível. Se tudo

⁷ O que Geisler chama de *“Calvinismo Extremado”* é equívoco, pois afirma que estes são os que crêem nos cinco pontos básicos do Calvinismo conhecido pelo acróstico em inglês *“TULIP”* (cf. GEISLER, 2001, p. 63). Uma breve exposição dos cinco pontos básicos do Calvinismo foi realizada no capítulo 1 deste trabalho, p.34.

isso fosse verdadeiro – graças a Deus que não é – seria compreensivelmente difícil reunir muito entusiasmo pela evangelização local ou transcultural”.

Apesar

dessas palavras de Geisler estarem num tom sarcástico e ridicularizando os calvinistas, elas estão certas. Deus enviou Seu Filho Jesus para morrer somente pelos eleitos – não tem nenhum sentido alguém por quem Cristo morreu estar perecendo no inferno. Ninguém tem fé para ser salvo se a mesma não for uma ação de Deus no coração do homem capacitando-o a crer. Também nenhum não escolhido ocupará o lugar de um escolhido. E definitivamente, a Graça de Deus e o Seu chamado são irresistíveis. Não há coração por mais duro que seja, que ao ser chamado pela doce voz do Espírito Santo não venha quedar-se aos Seus pés.

Infelizmente, existem calvinistas que pensam, agem assim, escorando numa doutrina bíblica de forma indevida para justificar-se no seu relaxo com a obra do Senhor. Mas eles não representam o pensamento da Teologia Reformada. J.I.Packer diz (PACKER, 2002, p. 86):

“A graça soberana de Deus não compromete nada do que temos dito sobre a natureza e o dever de evangelização. O princípio operante aqui é que a regra do nosso dever e a medida da nossa responsabilidade encontra-se na vontade de Deus revelada como preceito, e não na sua vontade oculta sobre o evento (...) A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a urgência da evangelização. O que quer que creiamos acerca da eleição, permanece o fato de que os seres humanos, que não tem Cristo, estão perdidos e vão para o inferno (perdoem-me o uso desta expressão tão desgastada: eu a estou usando porque é isso mesmo que quero dizer)”.

Portanto,

há necessidade de equilíbrio na questão. Samuel Falcão alerta quanto ao perigo que ronda os dois grupos: os calvinistas e os arminianos (FALCÃO, 1989, p. 25):

“Muitas vezes os calvinistas dão tanta ênfase à soberania de Deus que dão a impressão que não adianta apelar para o homem, fazendo assim ininteligível a multidão de apelos, desafios, convites e pedidos de que a Bíblia está cheia. Por

outro lado os arminianos dão tanta ênfase à vontade livre e à responsabilidade do homem que perdem a visão da soberania de Deus”.

Quem

então está com a razão nesse impasse? Os arminianos estão numa situação complicada, pois como disse Samuel Falcão: *“Este é o único resultado lógico da teoria arminiana. Segundo esta teoria, Deus tem de oferecer uma oportunidade a cada indivíduo. Os próprios arminianos reconhecem que todas as pessoas não tem tido uma oportunidade de ouvir o Evangelho”* (FALCÃO, 1989, p. 128). E os que se dizem calvinistas e reformados, mas não mostram zelo e preocupação com a evangelização, devem rever a Teologia Reformada Calvinista, pois estão muito distantes dela, e, por conseguinte, da Bíblia.

Mais uma

vez deve ser dito que a falta de equilíbrio tem sido a marca dos tempos modernos, e a igreja precisa atentar para essas duas verdades que não são contraditórias, mas, aliadas, a saber, a Soberania de Deus e a responsabilidade do homem, ambas no que dizem respeito à Evangelização. J.I.Packer diz: *“Quando perguntaram a C.H. Spurgeon certo dia, se ele seria capaz de reconciliar estas duas verdades uma com a outra, ele respondeu: ‘Eu nem ousaria tentá-lo’, ‘Eu nunca reconcilio amigos’”* (PACKER, 2002, p. 31). O assunto será mais bem desenvolvido no ponto que fala sobre a responsabilidade do atalaia.

Francisco

Leonardo Schalkwijk diz: *“Lá, fora do tabernáculo de Deus, preciso apelar para a própria responsabilidade do ouvinte; mas, quando dentro, preciso apontar para a multiforme graça de Deus. Pois, por meio de todos os objetos do tabernáculo, o Senhor nos mostra que Ele nos salva”* (SCHALKWIJK, 2002, p. 56).

3.1.3 – A Diferença Entre Evangelizar e Fazer Discípulos

Tem-se

falado muito sobre o dever de evangelizar todas as nações. As igrejas criam suas agências missionárias para enviar seus missionários pelo mundo, o que é louvável e deve ser incentivado. Os púlpitos estão sempre ocupados com os chamados “*sermões evangelísticos*” num tom de preocupação com o destino dos homens.

Infelizmente, a ordem de Cristo tem sido executada pela metade, ou seja, acontece apenas a evangelização; a outra metade é o discipulado. Geralmente a Igreja pára no primeiro, julgando estar fazendo o segundo. A falta de definição da evangelização e do discipulado tem conduzido a Igreja a uma ineficácia na sua pregação, e, por conseguinte, no desenvolvimento do Reino de Deus de forma individual no coração do homem.

A Igreja tem agido para com os novos convertidos, da mesma forma que um casal quando tem um filho, e este é ainda um bebezinho, incapaz de se sustentar e crescer sozinho. O casal decide viajar, e deixa para traz a criança de poucos dias de vida. Antes de sair, passa-lhe todas as instruções para poder usar a geladeira, o fogão, etc. Tal criança não durará mais do que algumas horas.

Há muita preocupação com a evangelização, mas pouca com o discipulado. Acontece o “parto”, mas, assim que nasce, “a criança” (no caso, o novo convertido) é abandonada à sua própria sorte para crescer na fé. Por esta razão a Igreja não tem tido a influência que deveria ter.

3.1.3.1 – Evangelizar é Transmitir a Mensagem de Jesus

Ao ser

proposta a distinção entre o ato de evangelizar e o de discipular, não se pretende afirmar que o primeiro é inferior ao segundo. Apenas pretende-se mostrar que há diferença entre eles e a necessidade de um para com o outro.

Quando há evangelização ocorre a transmissão da mensagem do Senhor Jesus. Ao transmitir essa mensagem, o eleito deverá fazê-la com tanto vigor e seriedade, a fim de conduzir o pecador a Jesus. O Novo Testamento, para mostrar a força que o pregador deve impor à sua mensagem emprega o verbo **khru,ssw** que quer dizer: *“proclamar, anunciar, mencionar publicamente, pregar, mais freqüentemente em referência à ação salvífica de Deus”* (cf. GD).

Essa proclamação deve sempre mostrar como diz Francisco Leonardo Schalkwijk que: *“Deus odeia o pecado (também o mais gentil), mas ama o pecador (também o mais vil)”* (SCHALKWIJK, 2002, p. 47).

O Comitê de Arcebispos da Igreja Anglicana definiu evangelização da seguinte forma: *“Evangelizar, é apresentar a Cristo Jesus no poder do Espírito Santo, de tal forma que os homens venham depositar a sua confiança em Deus por meio dele, e venham a aceitá-lo como o seu Salvador e servi-lo como o Rei na comunhão da sua Igreja”* (PACKER, 2002, p. 34). Packer ainda diz (PACKER, 2002, p. 35):

“Em outras palavras, evangelizar significa emitir uma convocação para a conversão, bem como para confiar; é a entrega, não só de um convite divino para se receber um Salvador, mas também de uma ordem divina para arrepender-se do pecado. E não haverá evangelização alguma onde não for feito este tipo de aplicação específica”.

Infelizmente, a Igreja tem ficado desorientada no que diz respeito à evangelização. A ordem atual é “contextualização”. Há de se concordar que a contextualização é importante no processo da evangelização. O que está errado biblicamente numa cultura deve ser corrigido; mas, o que não entra em conflito com a Bíblia deve ser preservado. Se muitos dos missionários dos séculos anteriores cometeram o erro de implantar suas culturas nos países que estavam sendo

evangelizados (como é comum ouvirmos que as igrejas tradicionais no Brasil, são cópias das igrejas americanas na liturgia, na arquitetura e estrutura interna), hoje a Igreja tem passado por uma crise de identidade. E o que é pior, continua copiando o que vem de fora, num “consumismo religioso”, vivendo atrás de modismos. R.K. Mc Gregor Wright afirma que: *“Paulo ensinou que o poder do evangelho está localizado na pregação da Palavra de Deus, não na sua capacidade de absorver a cultura popular”* (WRIGHT, 1998, p.14).
Contextualização sim, mundanização não!

3.1.3.2 – Discipular é Transmitir o Caráter de Jesus com a Própria Vida

Cristo,

além de ordenar à Sua Igreja a pregar o evangelho a toda criatura (Mc. 16.15) enfatizando a tarefa da evangelização, também a ordenou fazer *“...discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mt. 28.19) (BEA-RA).

Fazer

discípulos não é fazer clones. O conceito de discipulado cristão e bíblico não é este. O discipulado não anula as características da pessoa, antes, molda o caráter da pessoa segundo o caráter de Cristo. Comentando sobre o discipulado cristão Keith Phillips afirma: *“O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros”* (PHILLIPS, 2001, p.16). Ele também define discípulo da seguinte forma: *“Discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre, com a finalidade de ensinar a outros”* (PHILLIPS, 2001, p.15).

O

discipulado prepara o novo convertido na Palavra. Solidifica sua vida espiritual, e o capacita a

repetir o processo em outra pessoa. Assim, evangelização se torna mais eficaz pois tem continuidade. O processo não apenas começa, mas se desenvolve na vida do eleito. Uma evangelização eficaz deve conduzir ao discipulado, e, este, por sua vez, precisa da evangelização para existir.

O

discipulado é sem dúvida alguma o melhor método por excelência da evangelização, pois, a transformação de um homem e o seu desenvolvimento na sua comunhão com Deus e com a Igreja, falará mais do que mil sermões. Os puritanos entenderam muito bem a importância desse método. Paulo Anglada citando Ryken, em *“Santos no Mundo”* diz: *“Para os puritanos, o sucesso da pregação não deve ser avaliado apenas pelo que acontece na igreja, mas pelo seu efeito nas vidas dos ouvintes que estão fora da mesma”* (ANGLADA, 1999, p. 164).

Portanto, o

eleito não somente deve se preocupar com a evangelização, mas também com o discipulado. Uma pregação eficaz tem de ter esses dois elementos totalmente calcados na Palavra.

3.2 – A Pregação

Toda

evangelização tem como principal instrumento a pregação. Existem vários métodos de pregação, e, sem dúvida, o mais importante é a pregação através do bom testemunho.

O bom

testemunho dos primeiros cristãos foi o principal método usado na pregação do Evangelho. Tanto pelo bom comportamento como pela pregação, eles atraíam as pessoas (At. 4. 42 a 47; 4. 1 a 4; 4. 32 a 35; 9. 31).

O eleito deve levar a sério a pregação, e não há desculpas baseadas na doutrina da Eleição para a não-pregação. Se alguém afirma ser um eleito de Deus deve encarar com muita seriedade a pregação do Evangelho.

Os predestinados para a salvação na hora marcada por Deus haverão de atender Seu chamado e nenhum predestinado ao céu ficará de fora ou será deixado para trás. Deus usa vários meios para promover esse chamado e um deles é a pregação do Evangelho. Samuel Falcão comenta (FALCÃO, 1989, p. 146):

“O mesmo acontece na eleição para a salvação. Para conseguir esse fim, Deus emprega meios naturais e sobrenaturais. A proclamação do Evangelho, a leitura da Bíblia, a celebração dos sacramentos, a audição da mensagem por parte dos pecadores, tudo isto são meios naturais. Mas a chamada eficaz, a regeneração, a justificação, etc. são meios sobrenaturais”.

3.2.1 – A Fé Vem Pelo Ouvir

A verdade sobre a Eleição Divina permeia todas as páginas da Bíblia Sagrada. Vários autores bíblicos discorreram sobre o assunto. Contudo, apenas um será analisado aqui: o apóstolo Paulo. Se houve um homem que cria na verdade da Eleição Divina e que tinha séria preocupação com a pregação da Palavra de Deus, esse alguém foi Paulo. Em seus escritos e atitudes pode ser visto com clareza o equilíbrio entre a teoria e a prática. Uma reforçava a outra.

Em sua magistral carta aos Romanos, o apóstolo Paulo falando dos judeus que rejeitaram a justiça de Deus (Rm. 10) por confiarem mais na sua própria justiça (v.3), mostra sua preocupação com eles. Até mesmo os via como pessoas que tinham zelo para com Deus mas, “*sem entendimento*” (v.2) (BEA-RA). Ele estava terminantemente preocupado com Israel, e cria que o mesmo que se deu com ele, a saber, sua conversão, também poderia ocorrer com os israelitas.

No último parágrafo deste capítulo (v.14 – 21), Paulo fala da proclamação do Evangelho. E, numa série de perguntas intrigantes ele mostra a necessidade da pregação e da manutenção dos recursos para que a pregação seja efetuada. Partindo do motivo principal, a adoração ao Senhor (a invocação do nome de Jesus), passando pela fé no Senhor como fruto da pregação (ouvir e crer no Senhor), continuando através da pregação da Palavra (os pregadores), chegando por fim ao envio de missionários, tudo isso nos v.14 e 15, ele mostra a responsabilidade que pesa sobre os crentes quanto à Evangelização.

Paulo não somente cria na Eleição Divina como uma doutrina cristã; ele a tinha como realidade em sua vida. Ele tinha convicção da sua salvação, e que a mesma havia sido efetuada nos tempos eternos (Ef.1.3 – 14; Rm.9.14 – 18), contudo, isso não o levou ao comodismo e à dedução de que se Deus o chamou, então, que se responsabilizasse também pelos demais. Paulo sabia que Deus chamaria (e chamará) a todos quantos Ele escolhera, mas também que compete aos eleitos proclamarem o Evangelho para que os outros eleitos que ainda não foram convertidos ao Senhor o sejam. Ele sabia muito bem que a fé vem pelo ouvir a pregação da Palavra de Cristo (v.17).

Se a sentença dos v. 13, 14 e 15 for invertida em forma de afirmação ficará ainda mais clara a importância da pregação. Eis uma paráfrase: *“os que forem enviados deverão pregar para que os que ouvirem a pregação possam crer, e crendo, invoquem o nome de Cristo, e invocando o Seu santo nome sejam salvos”*.

É lastimável que pessoas que crêem na Eleição Divina se tornem apáticas e acomodadas quanto à pregação. A Eleição leva à obediência, e não pregar é desobediência à ordem do Senhor.

Paulo tinha tanta preocupação com a salvação das pessoas que, mesmo sabendo que quem salva o homem é o Senhor em Sua graça, ele se empenhava dando tudo de si para que as pessoas fossem convertidas. Eis alguns textos que deixam claro essa preocupação de Paulo.

- Rm. 15. 18 – 21: *“Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até o Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito”* (BEA-RA).

- Fp. 2.17: *“preservando a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente”* (BEA-RA).

- Cl. 1.29: *“para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim”* (BEA-RA).

- 2Co. 2. 4: *“Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida”* (BEA-RA).

- Cl. 1.14: *“Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja”* (BEA-RA).

- 1Co. 9. 22: *“Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele”* (BEG-RA).

Especialme

nte este último mostra a preocupação de Paulo quanto à pregação e à conversão das pessoas. Em momento algum Paulo usou como desculpa a doutrina da Eleição para se acomodar quanto à pregação do Evangelho. Antes, sua vida foi de intenso labor e sofrimento por causa da pregação.

Portanto, se alguém se julga um eleito e se apropria de forma indevida dessa verdade para se acomodar em face à responsabilidade legada por Cristo a Seu povo, que procure outras justificativas (se é que elas existem), mas, não use tão maravilhosa verdade de maneira distorcida e irresponsável para fugir de sua responsabilidade. Aliás, como já foi mostrado anteriormente, o verdadeiro eleito não abriga esse tipo de pensamento em seu coração, mas busca agradar a Deus com todas as forças do seu coração.

3.2.2 – O que Pregar

Lutero

travava uma constante luta em seu coração. Queria sentir-se perdoado por Deus, sentir sua alma ser envolvida pelo amor de Deus. Tentou as penitências e elas somente foram para ele flagelos. Mas tudo isso estava nos planos de Deus para mostrar-lhe que a resposta para seus dilemas não estava nele mesmo (Lutero), mas sim no Evangelho de Deus. Lendo Rm. 1. 16 e 17, Lutero foi tocado poderosamente por Deus através do Evangelho que é o poder de Deus. O texto diz (BEA-RA):

“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo o aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”.

Portanto, esta é a mensagem que o eleito tem de pregar. Uma mensagem que é “*o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*”.

Leroy Eims disse: “*O teste de uma mensagem não é se um sermão é bom ou ruim, mas se Deus a usa*” (EIMS, 2000, p. 47).

É comum no meio evangélico avaliar um sermão ou um pregador referindo-se a eles como sendo “poderosos”. E este é um perigo que tem rondado os púlpitos, tanto das igrejas consideradas históricas, pentecostais e das chamadas neopentecostais. O perigo em questão é a vaidade. As

igrejas históricas se gabando da sua tradição e erudição, e as pentecostais e as neopentecostais se gabando dos milagres que nelas acontecem.

Ao usar uma mensagem ou um pregador, Deus tem o objetivo de promover Sua glória (o que será visto no próximo ponto) e a salvação dos Seus escolhidos. Contudo, o mais importante não é o vaso, mas sim, o que está dentro do vaso, e isso quer dizer que não é a igreja, ou o pregador, nem mesmo a oratória deste, as coisas mais importantes, mas, sim, o conteúdo dessa da mensagem. A pregação tem de ser Cristocêntrica.

A Igreja não pode trocar a mensagem bíblica por entretenimento. Muita coisa tem sido introduzida na Igreja sob o protesto de estar contextualizando o Evangelho, a fim de que este se torne mais agradável aos ouvidos. O medo de ver a Igreja se esvaziando tem levado muitos pastores a tomarem um rumo quanto à pregação da Palavra que chega às raias do absurdo. É importante que o Evangelho seja anunciado de forma clara e inteligível, mas sem que a sua essência fique comprometida com o mundanismo. É bom lembrar quanto a isso, o que aconteceu por volta de 1960. Um movimento teológico conhecido como “*A Morte de Deus*”, encabeçado por Thomaz J.J. Altizer, Willian Hamilton, Gabriel Vahanian e Paul van Buren, afirmava que o “conceito de Deus” havia morrido para o homem moderno (Vahanian e van Buren), sendo apenas uma coisa desnecessária para este. Já Altizer e Hamilton foram mais longe dizendo que não somente o “conceito de Deus” mas, o próprio Deus havia morrido para o homem moderno, que não via mais sentido algum em continuar servindo a uma entidade sobrenatural que tiranizava o homem (cf. BENT, 1968, p.271). Então estes teólogos propuseram a morte de Deus. Sendo assim, o Evangelho deveria passar por uma releitura para se adequar às novas realidades do homem moderno. O abismo que eles criaram para si mesmos levou-os ao

desespero e vazio. Tudo por que resolveram “contextualizar o Evangelho”, de uma forma que minou a essência deste.

A igreja evangélica deve retornar à pregação Cristocêntrica, ou sucumbirá diante das mutações do mundo e perderá a sua eficácia com sal da terra e luz do mundo. Os púlpitos das igrejas devem ser lugar da demonstração do poder de Deus através da pregação genuína do Evangelho, visando a glória de Deus, a transformação e salvação dos pecadores, e não apenas, uma espécie de palco onde a figura do homem chama mais a atenção. O Evangelho tal qual como Cristo deixou, a mensagem bíblica e calcada tão somente na verdade cristã, “...é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” Rm. 1. 16 (BEG-RA).

A Igreja de Cristo deve atentar para a pregação da sã doutrina e ensinar seus membros as verdades da Palavra de Deus.

Infelizmente, ficaram rotulados como “*sermões evangelísticos*” aqueles que visam evangelizar as pessoas usando a mensagem “o homem está condenado – Jesus morreu para salvá-lo – se este crer será salvo”, e como os “*sermões doutrinários*” os que tratam de assuntos teológicos e pesados os quais não são considerados evangelísticos. Isso é um engano. Toda doutrina é evangelística uma vez apresentada de forma correta, pois leva o ouvinte a ter um conhecimento mais profundo de Jesus, e, assim, uma vida mais obediente a Ele. J.I. Packer diz (PACKER, 2002, p. 49):

“É um equívoco achar que as pregações evangelísticas são um tipo especial de sermão, dotados de seu estilo próprio e convenções peculiares; sermões evangelísticos não passam de sermões bíblicos, o tipo de sermão que ninguém pode evitar de pregar, se estiver pregando a Bíblia de forma bíblica”.

As igrejas conhecidas como históricas devem atentar à necessidade de restaurar a visão que os reformadores tiveram quanto à pregação do Evangelho. Paulo Anglada citando Martinho Lutero em *Obras Seleccionadas*, falando sobre a importância da pregação comparada aos sacramentos, disse (ANGLADA, 1999, p.151):

“Os sacramentos não são indispensáveis; a pregação é. Os sacramentos não têm sentido sem a pregação da Palavra, sendo-lhe subordinados (...) Os sacramentos servem apenas para edificar a igreja; a pregação, além disso, é o meio por excelência pelo qual a fé é suscitada; é o poder de Deus para a salvação”.

O eleito deve não somente ser responsável quanto à pregação como também quanto ao conteúdo dessa pregação. O problema porque há tanta aversão a doutrinas tão importantes é justamente pelo fato dessas doutrinas terem sido desprezadas.

Quem conhece aceita e crê na doutrina da Eleição, se torna um ardoroso pregador e um preocupado com a continuidade dessa tarefa.

3.2.3 – Por quê Pregar

Se essa pergunta for feita a vários crentes, com certeza a maioria deles responderá que o porque da pregação é a conversão e conseqüentemente a salvação dos pecadores. Há de se concordar com essa resposta. Porém, a causa maior da pregação e da evangelização não é a conversão e a salvação dos pecadores, mas sim, a glória de Deus. J.I.Packer diz: “*Existem (...) duas razões. A primeira é o amor a Deus e a preocupação com a sua glória; a segunda, o amor ao homem e a preocupação com o seu bem-estar*” (PACKER, 2002, p.67).

Esse assunto já foi abordado anteriormente, mas merece aqui uma análise mais completa.

Todo o processo da salvação começa lá nos tempos eternos antes da criação do mundo, quando Deus em Sua infinita bondade e misericórdia, decidiu escolher de entre os pecadores um povo para Sua exclusiva glória (a Eleição), passando pela estrebaria de Belém (a Encarnação do Verbo), e pelo Calvário (o sacrifício vicário do Senhor), chegando ao Pentecostes no qual a Igreja de Cristo recebeu a Pessoa bendita do Espírito Santo para estar permanentemente com ela, capacitando-a a realizar a obra e para purificá-la, tudo isso tem como objetivo principal e bem definido a glória de Deus.

Quando foi mencionada anteriormente a verdade sobre a Trindade Imanente (a Trindade em si mesma), na qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo desfrutam da mais perfeita e completa comunhão desde antes da criação do universo tanto no plano físico como no espiritual, foi afirmado que não há nenhuma atitude narcisista em Deus por ter criado o universo para Sua exclusiva glória, e nem mesmo estava Ele entediado por não ter com o que se ocupar e por isso criou o universo. Ele é completo em Si mesmo. Não sente falta de nada. Para o homem que vive insatisfeito com tudo, que é corrompido pelo pecado, que tenta ser auto-suficiente mas sempre se depara com seu fracasso, entender essa verdade sobre a imanência da Trindade é coisa impossível.

O que levou o Senhor a criar o mundo e tudo o que existe para a Sua glória, foi o Seu amor que emanava de Seu Ser, e querendo que o homem participasse desse amor insondável, então decidiu realizar a Criação.

Quando o eleito prega o Evangelho, ele está apresentado (ou pelo menos deve apresentar) esse Deus tremendo, que chama o pecador à mais pura, completa e verdadeira comunhão. O Deus que

viu Sua criatura se rebelar contra o Seu amor, mas que mesmo assim foi atrás dela e para isso enviou o Seu Filho Unigênito, o Deus que não precisava se importar com o homem rebelde, pois foi este mesmo que escolheu o pecado em vez do Seu amor. Mas esse Deus sabia que o homem abandonado à sua própria sorte não duraria um minuto sequer. O que mais impressiona é que tudo isso se deu na eternidade passada, antes mesmo de tudo existir, Deus já sabia de tudo. J.I.Packer diz: *“Glorificamos a Deus pela evangelização não somente porque a evangelização é um ato de obediência, mas também porque na evangelização contamos a todo o mundo quão grandes coisas Deus fez para a salvação dos pecadores”* (PACKER, 2002, p. 68).

Nos dias atuais, em alguns movimentos na igreja evangélica Deus foi transformado em uma espécie de servo do homem. Ele existe em função do homem, e não o contrário. E essa inversão de papéis, além de ser uma artimanha de Satanás contra a Igreja, é uma afronta à Santidade de Deus. Há de se resgatar toda a verdade do Evangelho, e a mais urgente é a de que tudo existe para a glória de Deus.

Quando o eleito se preocupa em ser um proclamador da glória de Deus estará anunciando o Evangelho com a máxima fidelidade. Quando o seu coração está envolvido e iluminado com a glória de Deus, sua pregação será eficaz, será legítima, e alcançará o coração dos outros escolhidos de Deus.

Keith

Philips falando sobre o discipulado e o que deve motivar um crente a isso diz: *“O seu compromisso de fazer discípulo é gerado pelo amor a Deus em resposta ao sacrifício altruísta de Cristo. A gratidão compele-o a dar glória a Deus produzindo muito fruto. A*

multiplicação espiritual é o desejo e a responsabilidade de cada discípulo (Jo. 15.8)”
(PHILLIPS, 2001, p.87).

O resultado mais importante na pregação é a promoção da glória de Deus. Os números sempre fascinam os homens. Infelizmente, até as igrejas são seduzidas por esse falso indicador. Ao pregar o Evangelho, o eleito não deve se preocupar com os números. Sua preocupação deve ser tão somente a glória de Deus. Paulo Anglada, citando Spurgeon em *“Cheer for Worker, and Hope for London”*, afirma: *“Vocês e eu somos constrangidos a pregar o evangelho, mesmo que nenhuma alma jamais seja convertida por ele; pois o grande propósito do evangelho é a glória de Deus, visto que Deus é glorificado mesmo naqueles que rejeitam o evangelho”* (ANGLADA, 1999, p. 167).

Quando se tem em mente a glória de Deus como objetivo principal da pregação do Evangelho, não haverá questionamentos do tipo: *“Se os eleitos jamais se perderão, porque então evangelizar?”*, muito pelo contrário, haverá sim um impulso à evangelização.

Portanto, se alguém usa a doutrina da Eleição de forma errada para se desculpar por não ser preocupado com a evangelização, esse tal não compreendeu o sentido principal da pregação do Evangelho que é a proclamação da (e para a) glória de Deus.

Quando Deus é glorificado através da pregação genuína do Evangelho, e tão somente a Sua glória é o objetivo de todo pregador, inevitavelmente acontecerá a conversão dos pecadores que foram escolhidos para a salvação. Quando uma igreja tem o compromisso de pregar o Evangelho de forma que glorifique e exalte somente a Deus, não precisará se preocupar com o crescimento

numérico; este será uma consequência natural. Basta analisar a história da Igreja Primitiva.

Em At. 2.42 – 47 está registrada essa verdade (BEA-RA):

“E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente, perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. *Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor dia a dia, os que iam sendo salvos*” (Grifo é meu).

A Igreja

Primitiva glorificava a Deus através de seu comportamento cheio de temor. Através da perseverança na doutrina dos apóstolos eles mantinham um discipulado firme, afinal, somente através de um mútuo discipulado com bases sólidas na doutrina dos apóstolos seria possível cuidar de uma igreja que em pouco tempo havia crescido tanto. Através de uma comunhão intensa entre todos os membros que se expressava na Ceia do Senhor e nas orações, no cuidado com os irmãos mais necessitados, numa vida de louvor e na singeleza de coração, esses irmãos despertavam a simpatia do povo. E o texto conclui magistralmente: “*Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor dia a dia, os que iam sendo salvos*” (v.47) (BEA-RA). A BJ diz: “...os que seriam salvos”; a BERC diz: “...aqueles que se haviam de salvar”.

Quando se

perde a noção da glória de Deus, a pregação fica comprometida com a vaidade humana, a Palavra dá lugar às experiências pessoais as quais passam a servir de regra. Quando a glória de Deus é esquecida não há pregação do Evangelho, quando muito haverá um discurso religioso.

O eleito

sempre estará preocupado com a glória de Deus, e ela o impulsionará a ser um pregador

ardoroso do Evangelho. Portanto, se não há preocupação com a pregação do Evangelho, não há responsabilidade com a glória de Deus. Não havendo essa responsabilidade, não há amor por Ele e nem pelas almas. Tal atitude está de longe de mostrar uma compreensão e fé na verdade preciosa da Eleição Divina.

Outro fator importantíssimo aqui é a Soberania de Deus. Quando o crente trabalha observando essa verdade tem um forte alento para o seu coração nos momentos difíceis. J. I.

Packer afirma: *“A soberania de Deus em graça nos fornece a única esperança de sucesso na evangelização...Pois ela cria a possibilidade – ou melhor até, a certeza – de que a evangelização será frutífera”* (PACKER, 2002, p. 95).

É comum as pessoas que se dizem eleitas (as que não compreendem o verdadeiro significado da Eleição) se apoiarem na doutrina da Soberania de Deus para tirar de sobre seus ombros a responsabilidade na proclamação do Evangelho. Não há nenhuma contradição entre essas duas verdades, a saber, a Soberania de Deus e a responsabilidade do homem, como já foi mostrado anteriormente. Em Sua Soberania Deus não isenta o homem da sua responsabilidade. Se fosse assim, então Deus seria o culpado até mesmo dos pecados do homem. Em vez de apoiar indevidamente nesse argumento, aquele que diz ser um eleito deve ter em mente que o problema está na limitação da sua mente em entender assuntos tão transcendentos quanto estes. Como afirma J.I.Packer (PACKER, 2002, p.18):

“...é preciso atribuir a aparência de contradição à deficiência da nossa própria capacidade de compreensão; encarar estes dois princípios não como duas alternativas rivais, mas, como algo que, de alguma forma, você não consegue compreender no presente momento, mas que são mutuamente complementares”.

O eleito tem total responsabilidade na pregação do Evangelho, e quando ele não atenta para essa responsabilidade está pecando diante do Senhor, sendo-Lhe desobediente. Esse é o assunto final dessa monografia.

3.3 – A Responsabilidade do Eleito na Pregação do Evangelho

Como já foi dito, é de inteira responsabilidade do eleito a pregação do Evangelho, e ele deve encará-la como o mais alto privilégio que lhe foi concedido depois da sua própria eleição. É a mensagem mais linda e maravilhosa de todos os tempos, mensagem esta que deve conduzir o coração do eleito à mais forte alegria em proclamá-la, como disse Pedro em sua primeira carta (1Pe. 1.12): *“A eles foi revelado que estavam ministrando, não para si próprios, mas para vocês, quando falaram das coisas que agora lhes foram anunciadas por meio daqueles que lhes pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado dos céus; coisas que até os anjos anseiam observar”* (NVI) (Grifo é meu).

Contudo, mesmo sendo o Evangelho a mensagem mais linda que existe, a única capaz de transformar o pecador e conduzi-lo a Cristo, muitos que se dizem eleitos deixam de proclamá-la, desobedecendo a uma ordem direta do Senhor, o que é um pecado.

3.3.1 – As Ordens de Deus não Devem ser Questionadas, mas Cumpridas

Uma coisa que é própria do ser humano é a rebeldia. Esta pode ser vista desde um ato de desobediência escancarado como num simples ato de questionar uma ordem que lhe foi passada. Geralmente, esse segundo ato leva ao primeiro.

É inconcebível alguém que afirma ser um eleito de Deus questionar a necessidade da Evangelização dizendo: *“Para quê pregar? Se Deus já predestinou tal pessoa, essa de forma alguma ficará esquecida e condenada ao inferno”*.

Não

compete ao servo de Deus questionar nenhuma ordem vinda Dele, nem mesmo quando não consegue compreendê-la como gostaria. As verdades bíblicas não podem ser usadas de forma indevida para justificar a irresponsabilidade para com a pregação do Evangelho.

O crente

não pode questionar a necessidade da pregação do Evangelho pois é uma responsabilidade que Deus lhe delegou. J.I.Packer afirma: “*Evangelizar é nada mais do que uma responsabilidade inalienável de toda a comunidade cristã e de cada cristão*” (PACKER, 2002, p. 23). Uma igreja só é verdadeiramente evangélica quando prega o Evangelho corretamente e tem essa preocupação.

Um

exemplo que ficou registrado nas Escrituras quanto à obediência ao Senhor e o não questionar Suas ordens é Filipe (At. 8. 26 – 40) (BERC):

“E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para a banda do sul ao caminho que desce de Jerusalém a Gaza, que está deserto. E levantou-se, e foi; e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava, e assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: Entendes tu o que lês? E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse. E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro, e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? porque a sua vida é tirada da terra. E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo, ou de algum outro? Então Filipe, abrindo a sua boca e começando nesta escritura, anunciou a Jesus. E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou

parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e Filipe o batizou. E quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho. E Filipe se achou em Azoto, e, indo passando, anunciava o Evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia”.

Filipe

estava em Samaria realizando um trabalho evangelístico estrondoso (At. 8.4 – 8) no qual multidões estavam sendo convertidas ao Senhor. Então, ele recebe uma ordem de um anjo, o qual lhe ordenou que descesse rumo ao Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza, o qual estava deserto (v.26). Filipe poderia ter pelo menos contestado dizendo: ***“Porque deveria deixar este lugar no qual tem havido tantas conversões para ir a um outro lugar que além de tudo está deserto?”***. Depois que Filipe pregou o Evangelho ao eunuco, e este foi batizado, o texto diz que ele foi arrebatado pelo Espírito Santo e deixado em Azoto, de onde subiu rumo a Cesaréia anunciando o Evangelho. Poderiam ser citados outros exemplos bíblicos de servos do Senhor que não ousaram questionar as ordens do Senhor, antes, se dispuseram e em Suas mãos e O obedeceram.

O servo de

Deus não deve questionar e muito menos se recusar a obedecer a Deus. Quando alguém deixa de se empenhar na pregação do Evangelho mesmo crendo que Deus levantará outro para fazer o serviço está pecando contra Ele e sendo um servo mau e negligente. Quem compreende e aceita a doutrina da Eleição Divina tem o seu coração aquecido pelo amor a Deus e pela compaixão às almas neste mundo.

3.3.2 – A Responsabilidade do “Atalaia”

Nos tempos

do Antigo Testamento a figura do atalaia (**hp,woc** lit. *“o homem da torre”*) era muito

importante. As muralhas que protegiam as cidades eram muito altas. Os atalaias ficavam em pontos estratégicos de onde podiam ver quem estava chegando. Assim, eles avisavam os habitantes das cidades quando se aproximavam os inimigos.

A figura do atalaia foi usada por Deus através dos profetas para ensinar o povo várias coisas importantes.

- Is. 52.8: *“Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do Senhor a Sião”* (BEA-RA). O profeta está falando da restauração que Deus estava para promover a Sião depois do cativeiro. Ele diz que os atalaias avistaram o Senhor retornando e por isso comunicaram ao povo.

- Is. 56.10: *“Os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; sonhadores preguiçosos, gostam de dormir”* (BEA-RA).

- Is. 62. 6 e 7: *“Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, que todo o dia e toda a noite jamais se calarão; vós, os que fareis lembrado o Senhor, não descanseis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra”* (BEA-RA).

- Jr. 6.17: *“Também pus atalaias sobre vós, dizendo: Estai atentos ao som da trombeta; mas eles dizem: Não escutaremos”* (BEA-RA).

- Ez. 3. 17: *“Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte”* (BEA-RA).

Todos

estes textos apresentam a figura do atalaia como aquele que é responsável pelas vidas da cidade. Se ele dormisse no posto e o inimigo atacasse, ele seria o culpado pelas vidas ceifadas; se estivesse alerta no seu posto, estaria apenas cumprindo a sua obrigação.

Mas é no

livro do profeta Ezequiel que se encontra uma das passagens mais fortes sobre o assunto. Em Ez. 33.2 - 9:

“Filho do homem, fala aos filhos de teu povo e dize-lhes: Quando eu fizer vir a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus limites, e o constituir por seu atalaia; e, vendo ele que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta e avisar o povo; se aquele que ouvir o som da trombeta não se der por avisado, e vier a espada e o abater, o seu sangue será sobre a sua cabeça. Ele ouviu o som da trombeta e não se deu por avisado; o seu sangue será sobre ele; mas o que se dá por avisado salvará a sua vida. Mas, se o atalaia vir que vem a espada e não tocar a trombeta, e não for avisado o povo; se a espada vier e abater uma vida dentre eles, este foi abatido na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei do atalaia. A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte. Se eu disser ao perverso: Ó perverso, certamente, morrerás; e tu não falares, para avisar o perverso do seu caminho, morrerá esse perverso na sua iniquidade, mas o seu sangue eu o demandarei de ti. Mas, se falares ao perverso, para o avisar do seu caminho, para que dele se converta, e ele não se converter do seu caminho, morrerá ele na sua iniquidade, mas tu livraste a tua alma”.

Trazendo isso para os tempos do Novo Testamento, o eleito é um atalaia de Deus neste mundo. A responsabilidade que pesa sobre seus ombros é muito grande, e, por isso, não pode brincar com ela.

Pode

alguém ter o seguinte raciocínio: Deus escolheu um determinado número de pessoas que serão salvas. Ele fará tudo quanto for preciso para conduzi-las ao arrependimento e à salvação, de forma que nenhum dos eleitos ficará para trás. Logo, se o Evangelho não lhe for anunciado por uma pessoa o será por outra. Há de se concordar com este raciocínio, pois de fato nenhum eleito será deixado para trás especialmente se for por causa de outra pessoa que deveria ter lhe pregado o Evangelho e não o fez, passando, assim, a responsabilidade para outro.

O texto de Ez. 33.2 – 9, não deixa sombra de dúvida sobre o assunto. Se uma pessoa não pregar o Evangelho a um eleito de Deus (embora não sabendo que tal pessoa é escolhida por Deus, pois ninguém, exceto Deus sabe quem são os eleitos) para que este seja salvo, outro o fará, pois

Deus é fiel em Seus propósitos. Mas, ai daquele que deixou de pregar o Evangelho! Em sua missão como “atalaia” diante do Senhor falhou. O sangue, a saber, a responsabilidade sobre aquela vida será demandado do atalaia infiel. Nenhum destes perderá a salvação; contudo o que está em questão aqui é o galardão. Se o eleito deixa de pregar o Evangelho, Deus cobrará dele; se pregar estará cumprindo a sua obrigação diante do Senhor, pois como disse Pedro (1Pe. 2.9): *“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”* (BEA-RA) (Grifo é meu).

Tremenda

responsabilidade pesa sobre os ombros do eleito. Se este não deve ser tomado pelo ócio e pela irresponsabilidade, negligenciando assim a obra que o Senhor lhe confiou, deve estar alerta para não se ensoberbecer diante de tão grande responsabilidade. Os dois extremos são diabólicos. J.I.Packer afirma (PACKER, 2002, p. 28):

“Eles reconhecem, ainda, que o cristão nunca deve imaginar, nem por um momento, que é indispensável para Deus, ou autorizado a comportar-se como se o fosse. O mesmo Deus que o enviou e se compraz em trabalhar junto com ele, pode fazer tudo sozinho. Ele precisa estar disposto a se gastar e ser gasto nas tarefas que Deus lhe deu para cumprir, mas ele jamais deve supor que se Deus o deixar de lado e usar um outro no seu lugar, a perda seria irreparável para a Igreja”.

Ninguém é

insubstituível na obra do Senhor, mas é lamentável ser substituído por ser negligente, ou ainda, soberbo.

O eleito

deve assumir com seriedade seu papel de atalaia, procurando em tudo proclamar a glória de Deus e exaltá-Lo, bem como querer o bem das pessoas a quem ele está pregando o Evangelho. Packer ainda comenta (PACKER, 2002, p. 45 e 82):

“O pregador precisa empenhar-se em converter a sua congregação; a esposa deve trabalhar para salvar o seu marido incrédulo. Os cristãos foram enviados para converter e eles não devem se dar ao luxo, como representantes de Cristo no mundo, de almejar nada menos do que isto (...) O que é preciso é o seguinte: que nós, que devemos falar por Cristo, devemos orar constantemente para que Deus ponha e mantenha nos nossos corações uma consciência clara da sua grandeza e glória, da alegria da comunhão com ele, e de como é terrível passar o tempo e a eternidade sem ele; para que Deus nos capacite a falar de maneira honesta, direta, e precisa, como nos sentimos acerca destes assuntos”.

Não

compete a ninguém, nem mesmo ao mais sincero dos eleitos, questionar quem será ou não salvo, nem mesmo especular sobre esta ou aquela pessoa. Quanto isso, Packer tem algo a dizer (PACKER, 2002, p. 89):

“Não devemos ser impedidos pelo pensamento de que, se eles não são eleitos, eles não irão crer em nós e todos os nossos esforços por convertê-los acabarão falhando. Isso é verdade; mas não é problema nosso e não deveria fazer nenhuma diferença para a nossa forma de agir”

Ao eleito cabe apenas esforçar-se por cumprir o seu dever, portanto, a não pregação do Evangelho tem sérias implicações tanto nesta vida como na vida futura. O eleito não perde a sua salvação, mas, nada pior do que ver suas obras se queimarem como palha diante do fogo divino, e entrar na glória “*cheirando a fumaça*” (1Co. 3.12 – 15).

CONCLUSÃO

A doutrina da Eleição é bíblica, sendo ensinada em todas as partes das Escrituras. Ela endossa a doutrina sobre Soberania de Deus, mostrando-O não somente como o Criador, mas a razão de tudo existir. Além disso, mostra também que nada pode pegá-Lo de surpresa tendo que apresentar um plano de emergência para corrigir um erro do homem – Ele tem tudo sob total controle.

Partindo dessas verdades, o crente pode descansar nas mãos do Senhor sabendo que a sua salvação depende totalmente Dele, cabendo-lhe, então, demonstrar-Lhe amor e gratidão através de uma vida submissa à Sua vontade. Nada, absolutamente nada, neste mundo pode fazer com que um eleito perca a sua salvação. Dos braços do Senhor ninguém poderá arrancá-lo (Jo. 10.28).

Quanto à Soberania de Deus e a responsabilidade dos homens, elas não são contraditórias, e nem mesmo a primeira anula a segunda como afirmam os que rejeitam a doutrina da Eleição. Elas se “casam” de uma forma que a mente humana não consegue entender, mas que na mente de Deus isso é perfeitamente possível e harmonioso.

O eleito, portanto, deve perseverar firme até o fim, sempre contando com a ajuda do Senhor, pois somente Dele vem a força que pode mantê-lo em Sua presença. Tal força o conduz em triunfo numa vida de santidade e pureza. Sendo assim, o eleito jamais pode deixar-se levar por uma falsa certeza, a de que não é necessário viver em santidade de vida, pois de qualquer forma já está salvo. A santidade de vida é fundamental, pois sem ela ninguém verá o Senhor, e ela também foi preparada para que o eleito vivesse nela.

A santidade é fundamental, pois também confirma a salvação, não no sentido meritório, como se ela fosse a causadora da salvação, mas no sentido de que um bom testemunho de vida confirma às outras pessoas e ao próprio eleito que ele é um salvo. Dizer-se eleito implica em viver como tal.

Para viver uma vida em santidade, o eleito deve confiar tão somente no Espírito Santo, assim como acontece com a certeza da salvação – é loucura o homem confiar em si próprio! É impossível vencer as obras da carne confiando na carne mortal. Somente através de uma vida submissa ao Espírito Santo o eleito poderá mortificar as obras da carne e fortalecer o seu coração na fé.

A santificação encontra sua maior expressão numa vida cheia de amor e gratidão a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele fez pelos pecadores. Esse amor e gratidão devem ser não somente verbalizados. É necessário que sejam confirmados através da obediência.

Outra área em que o eleito se mostra obediente a Deus é com respeito à pregação do Evangelho, que é muito mais do que simplesmente falar de Cristo. Este é o primeiro passo, mas o eleito não deve se contentar em apenas pregar o Evangelho aos pecadores. Ele também deve almejar vê-los sendo transformados em discípulos de Jesus. Para que o discipulado aconteça, a mensagem do Evangelho deve ser proclamada de forma eficaz com uma visão Cristocêntrica.

Não há desculpas para quem se diz eleito de Deus não querer pregar o Evangelho ou encarar o assunto como algo sem muita importância. É inconcebível que alguém se apresente como filho de Deus e não queira fazer a vontade do Pai, e ainda faça uso de uma verdade tão linda, a qual ele distorce para se justificar peca duas vezes: uma quando distorce as verdades do Senhor, e outra quando desobedece a uma ordem expressa Dele. Tal pessoa precisa, urgentemente, rever seus conceitos sobre o que é ser um eleito de Deus, pois poderá estar se enganando sendo apenas um convencido mas não um convertido de fato.

O autor reconhece sua limitação quanto ao assunto. Porém, julga o mesmo pertinente e de muita necessidade em face de tantos desvios teológicos e práticas inconvenientes nas igrejas, o que é apenas um reflexo do abandono da sã doutrina.

Embora já tivesse plena concordância com essa doutrina, o autor julga ter sido abençoado por Deus com a oportunidade de realizar este trabalho, tendo suas convicções ainda mais reforçadas na Fé Reformada, e ciente de que tudo quanto aqui está proposto deve sair da teoria para a prática, começando por sua própria vida.

Através de uma pesquisa iniciada há mais de um ano, o autor explorou o assunto, estando satisfeito com o

resultado do trabalho, embora o veja como uma introdução ao assunto que é muito vasto. Posteriormente, pretende ampliá-lo ainda mais, na tentativa de tornar este trabalho um material a ser usado pela Igreja de Cristo com maior eficiência. O autor reconhece também que há muito mais sobre o assunto do que fora abordado neste trabalho, sentindo a necessidade de aprofundar ainda mais no mesmo.

Fica a sugestão aos que querem se aprofundar neste assunto, que procurem conhecer através de sérios estudos, a doutrina da Soberania de Deus, pois como alguém já disse, *“esta doutrina é a rainha de todas as outras doutrinas bíblicas”*. É fundamental para se ter um coração humilde e sincero, crer e conhecer Deus como o Senhor Soberano e Absoluto de tudo. Assim ficará plenamente aceitável a doutrina da Eleição, principalmente para os que dela discordam.

Outro assunto que deve ser estudado logo a seguir é a Total Depravação do Homem. O caminho para uma vida cheia de amor e gratidão a Deus passa pelo reconhecimento da miserabilidade humana. Não se pode ter uma visão correta da pureza de Deus tendo um coração orgulhoso, altivo e arrogante. Saber que é pecador, não quando peca mas porque é pecador, por isso peca, é fundamental para reconhecer que a salvação não depende do homem, mas tão somente de Deus. Por isso Ele salva a quem quer, não sendo obrigado a exercer Sua misericórdia com todos simplesmente por que decidiu exercê-la com alguns. Com certeza essas verdades encherão o coração daquele que realmente deseja conhecer ao Senhor e O obedecer.

Dos livros alistados na Bibliografia, fica a sugestão para leitura àqueles que querem conhecer mais sobre o assunto: (1) A Evangelização e a Soberania de Deus (J.I.Packer), (2) A Predestinação (Samuel Falcão), (3) A Soberania Banida (R.K Mc Gregor Wright), (4) Confissão de um Peregrino (Francisco Leonardo Schalkwijk), (5) Eleição (C.H. Spurgeon), (6)

Santidade ao seu Alcance (Ivênio dos Santos), (7) Nascido Escravo (Martinho Lutero). Estes livros darão uma boa compreensão sobre os assuntos abordados neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGLADA, Paulo R. B. IN Revista Fides Reformata. N° 2 Volume III: São Paulo (SP): Seminário Presbiteriano Revendo José Manoel da Conceição, julho a dezembro de 1998, p. 5 a 24.
- ANGLADA, Paulo R. B. IN Revista Fides Reformata. N° 1 Volume IV: São Paulo (SP): Seminário Presbiteriano Revendo José Manoel da Conceição, janeiro a junho de 1999, p.145 a 168.
- ARAÚJO, Simonton César de. Persiga a Santificação. 3ª edição, Belo Horizonte (MG): Editora Betânia, 1992.
- BARRO, Antônio Carlos. IN Revista Fides Reformata. N° 1 Volume III: São Paulo (SP): Seminário Presbiteriano Revendo José Manoel da Conceição, janeiro a junho de 1998, p.38 a 49.
- BENT, Charles. Linha de Risco – O Movimento da Morte de Deus. 1ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Moraes Editores, 1968.
- BERKHOF, Louis. Manual de Doutrina Cristã. 1ª edição, Patrocínio (MG): CEIBEL, 1985.
- Bíblia de Estudo Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1980.
- Bíblia na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 4ª edição, 1994.
- Bíblia Sagrada, A. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- CAIRNS, Earlee. E. O Cristianismo através dos séculos. 2ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990, p. 105 a 112.
- CALVINO, João. Hebreus. 1ª edição, São Bernardo do Campo (SP): Edições Parecletos, 1997, p. 149 – 156.
- DAVIS, John D. (org). Dicionário da Bíblia. Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- EIMS, Leroy. A arte perdida de fazer discípulos. 1ª edição, Belo Horizonte (MG): Atos, 2000.
- FALCÃO, Samuel de Vasconcelos. A Predestinação. 1ª edição, São Paulo (SP): Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- FERREIRA, Júlio Andrade (org). Antologia Teológica apostila II. 1ª edição, Brasília (DF): Livraria Cristã Unida, 1980, p. 321 – 326.

- GEISLER, Norman. Eleitos, mas livres. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Vida, 2001.
- GINGRICH – DANKER, F.Wilbur; Frederick W. Léxico do NT. Grego/Português. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984, reimpressão, 2001.
- GUTHRIE, Donald. Hebreus, introdução e comentário. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa edições Vida Nova, reimpressão, 1991, p. 132 – 137.
- HAGNER, Donald A. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo de Hebreus. 1ª edição, São Paulo (SP): Edições Vida, 1997, p. 106 – 113.
- LUTERO, Martinho. Nascido escravo. 2ª edição, São José dos Campos (SP): Editora Fiel, 2001.
- MARTINS, Valter Graciano (ed.). A Confissão de Fé: 1ª edição especial, São Paulo (SP). Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- MURRAY, John. Redenção, consumada e Aplicada. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1993.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt. Novum Testamentum Graece. 12ª druck, Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, 1991.
- Nova Versão Internacional da Bíblia. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Internacional, 1993, 2000.
- PACKER, J.I. A Evangelização e a Soberania de Deus. Se Deus controla todas as coisas, porque evangelizar?. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2002.
- PHILLIPS, Keith. A formação de um discípulo. 14ª impressão, São Paulo (SP): Editora Vida, 2001.
- RIENECKER – ROGERS, Fritz; Cleon. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1988.
- ROBERTSON, O. Palmer. O Cristo dos Pactos. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2002.
- SANTOS, Ivênio dos. Santidade ao seu alcance. 2ª edição, Belo Horizonte (MG): Editora Redenção, 2000.
- SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. Confissão de um peregrino. 1ª edição, Viçosa (MG): Editora Ultimato, 2002.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. O caminho do coração. 3ª edição, Curitiba (PR): Encontro Publicações, 1999.
- SPROUL, R.C. A Santidade de Deus. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1997a.

SPROUL, R. C. O Mistério do Espírito Santo. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1997b.

SPURGEON, Charles H. Eleição. 3ª edição, São Paulo (SP): Editora Fiel, 1987.

WRIGHT, R.K. Mc Gregor. A Soberania Banida. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1998.

WUEST, S. Kenneth. Jóias do Novo Testamento Grego. 3ª edição, São Paulo (SP): Imprensa Batista Regular, 1986.

YANCEY, Philip. Maravilhosa Graça. 4ª impressão, São Paulo (SP): Editora Vida, 2002.